KENNETH HARLAN

18 AGOSTO 1923

Paratodos...

ANNO V - Nº 244

PREÇO

Depurativo Salsa, Caroba e Manacá

Do celebre pharmaceutico-chimico E. M. DE HOLLANDA preparado pelo Dr. Eduardo França (Concessionario)

O Rei dos Depurativos

A SALSA, CAROBA e MANACÁ, do celebre pharmaceutico Eugenio Marques de Hollanda, é já muito conhecida em todo o Brasil e nas Republicas Argentina, Uruguay e Chile, onde tem produzido curas maravilhosas e gosa de grande reputação. E' o depurativo mais antigo, mais scientifico e mais efficaz para a cura radical de todas as affecções herpeticas, syphiliticas, boubaticas e escrofulosas provenientes da impureza do sangue, taes como rheumatismos, dores articulares, arthritismo, etc. Experimentae um só frasco e sentireis os seus beneficios !

Depositarios : ARAUJO FREITAS & C. droguistas. — Rua dos Ourives n. 88, Rio de Janeiro. — Encontra-se em todas as pharmacias e drogarias.

VIDRO . . . 8$000

Tenha pena de sua esposa e de seus filhos

TOME O ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 creanças nascem mortas, quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR "914". 95 °|° dos abortos provêm da syphilis. O ELIXIR "914" evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR "914" é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar a syphilis sem injecções e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR "914". O ELIXIR "914" é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contém iodureto. Agradavel como um licor.

ENCONTRA-SE EM TODA PARTE

CASA ISIDORO

RICOS TECIDOS

para a actual estação

LYRICA

PREÇOS SEM CONFRONTO

PAILLETTE . . .	Metro	80$000
MATELLASSE, desde	22$ a	98$000
COQUILLE	Metro	52$000
VELOURS Zanana .	"	98$000
MAROCAIN breche		48$000
LHAME dentelle, desde . . .		55$000

SO' NA

CASA ISIDORO

7 DE SETEMBRO, 99

HORRIVEIS COCEIRAS PRODUZIDAS POR ECZEMAS EM DIVERSAS PARTES DO CORPO

Raul Rocha

Illms. Srs. Viuva Silveira & Filho — Rio de Janeiro — Soffrendo de horriveis coceiras produzidas por eczemas em diversas partes do corpo, especialmente nos pés, sujeitei-me a tratamento rigoroso, ingerindo preparados especiaes, encontrando, porém, sempre resultado negativo. Aconselhados os preparados mercuriaes, recusei-os por julgal-os prejudiciaes; afinal, resolvi a usar o precioso e universal medicamento ELIXIR DE NOGUEIRA do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, de abençoada memoria, e, com poucos vidros, senti-me radicalmente curado. Pelo benefico resultado obtido attesto conscienciosamente sua maravilhosa efficacia. Camocim (Ceará), 14 de Outubro de 1917. — *Raul Rocha* (Advogado e jornalista).

Vende-se em todo o Brasil, Republica Argentina, Uruguay, Paraguay, Bolivia, Perú, Chile, etc.

UM CONTO PARA TODOS

OS PROSCRIPTOS

por *SELMA LAGERLOF*

(*Continuação*)

— Seria ignobil para outras pessoas, não para feiticeiras. São obrigadas a proceder assim, disse Tord com uma imperturbavel serenidade.

Berg Rese sentiu que acabava de descobrir um novo modo de encarar o mundo.

— Serão tambem os ladrões obrigados a roubar, como as feiticeiras a fazer as suas feitiçarias? perguntou n'um tom energico.

— Certamente, respondeu o rapaz, cada qual é obrigado a fazer o que está no seu destino.

Logo, accrescentou com um mysterioso sorriso:

— Ha tambem ladrões que nunca roubaram.

— Que queres dizer com isso? perguntou Berg.

O rapaz continuou a sorrir, satisfeito por ser um enygma.

— Ladrões que não roubaram! continuou Berg. E' como se fallasses em passaros que não têm asas.

A sua curiosidade estava despertada; proseguiu na conversa, com o desejo de saber mais alguma coisa.

— Entretanto, ninguem póde ser accusado de ladrão, se nada roubou, accrescentou apoz alguns momentos de silencio.

— E' verdade, disse finalmente o rapaz, apertando os labios... Comtudo, tendo um pae ladrão...

— Herdam-se os dominios e os bens, respondeu Berg; mas o nome de ladrão não é carregado senão por quem o ganhou com as suas proprias acções.

Tord teve um riso surdo.

— E se a pessoa tiver uma mãe que lhe supplica tomar sobre si a culpa do seu pae? E se a pessoa trata de evitar trabalho ao carrasco, fugindo para a floresta?... E se é condemnada e perseguida devido apenas a uma rêde de pesca que nunca ninguem viu?...

Berg, enraivecido, deu um murro sobre a mesa. Aquelle rapaz estragara, pois, a sua vida. Renunciara a tudo, aos bens, á estima e ao amor dos homens. Não teria mais na vida senão o duro e cruel cuidado de alimentar-se e vestir-se. E o desgraçado permittira que elle, Berg Rese, o despresasse como a um ladrão! Reprehendeu-o severamente; mas o rapaz não se assustou mais do que uma creança doente, quando a mãe a reprehende por ter-se constipado, atravessando, descalça, a agua fria do riacho.

✣ ✣ ✣

Chegara o outomno. A tempestade soprava. Tord sahira sósinho para a floresta, para examinar as armadilhas e as rêdes. Berg Rese, n'uma caverna, concertava a roupa. A larga senda que Tord seguia, subia por um declive.

A ventania arrancava a folhagem do arvoredo, carregando-a em turbilhões ruidosos. Por varias vezes, Tord pensou ouvir um passo atraz d'elle. Parou, olhou, poz-se a escutar; mas comprehendeu que era o vento e as folhas, e proseguiu no seu caminho. Mas tornou a ouvir o mesmo ruido: era como se alguem subisse dançando sobre um pé de seda, e era tambem como passos de uma creança que corre. Os Elfos e os Gnomos brincavam nas suas pégadas. Mas em vão se voltava para traz: nada via.

Mostrou o punho aos turbilhões de folhas seccas, e continuou a caminhar.

Quando Tord chegou á caverna, o proscripto continuava a remendar a sua roupa, sentado n'um banco de pedra. O fogo ia-se apagando; o trabalho tornava-se difficil. O coração do rapaz encheu-se de piedade. O soberbo Berg Rese appareceu-lhe pobre e desgraçado; e a unica coisa que ainda lhe restava, a vida, corria serios riscos. Tord desatou a soluçar.

— Que é isso? perguntou então Berg. Estás doente? Tens medo?

Pela primeira vez, Tord fallou-lhe do seu terror.

— E' horrivel, na floresta. Ouvi espectros, vi almas do outro mundo, monges brancos.

— Em nome de Deus, Tord!

— Cantaram a missa para mim até o *fjell*. Eu corria, mas elles me seguiam, e cantavam. Não escaparia nunca mais aos seus cantos? Que tenho a tratar com elles? Parece-me que fariam melhor cantando a missa a outro que não eu, a outro que necessitasse d'isso.

— Estás hoje louco?

Mas Tord, quasi inconsciente do que dizia, liberto de toda a timidez, fallava sem cessar.

— São monges brancos, mortalmente pallidos e brancos. Trazem sangue na batina. E' em vão que cobrem a cabeça com o capuz: a ferida da fronte brilha através d'elle, a enorme ferida aberta e rubra, produzida pelo machado.

— A enorme ferida produzida pelo machado?

— Sim; é, entretanto, não fui eu que a fiz? Por que, então, a vejo?

— Os santos é que devem saber, disse Berg Rese, com uma gravidade sinistra, o que significam as tuas visões de machados! Eu matei o monge com duas facadas.

Tord conservava-se tremulo deante de Berg, e retorcia as mãos.

— Elles exigem que eu te entregue. Querem obrigar-me a trahir-te.

— Quem? Os monges?

— Sim, os monges. Vivem a perseguir-me. Mostram-me Unn. Mostram-me o mar resplandecendo ao sol. Mostram-me acampamentos de pescadores, onde ha danças e alegria. Cerro os olhos, mas ainda vejo o que me mostram. Deixae-me quieto, digo-lhes. O meu amigo matou, é verdade, mas não é mau. Hei de lhe fallar: arrepender-se-ha e fará penitencia. Depois de haver elle confessado o seu peccado, iremos juntos ao tumulo de Christo. Visitaremos juntos os Santos Logares, onde são perdoados todos os peccados a quem d'elles se approxima.

— Que respondem os monges? perguntou Berg... Não querem a minha salvação, não é assim? Querem ver-me na tortura e na fogueira?

— Poderei trahir o meu amigo mais presado? pergunte-lhes. Para mim, elle é tudo n'este mundo. Salvou-me das garras do urso. Supportámos juntos o frio, e toda especie de miserias. Cobriu-me com o seu abrigo de pelles, quando eu estive doente. Levei a lenha e a agua para a nossa morada, poupando-lhe esse trabalho; velei sobre o seu somno; enganei os seus inimigos. Tomaes a mim por um homem que atraiçõe o seu amigo? Em breve, espontaneamente, o meu amigo virá confessar-se ao sacerdote, e, juntos, iremos ambos aonde se expia o peccado.

Berg ouvia cheio de gravidade, e os seus olhos penetrantes fixavam-se no semblante de Tord.

— Irás em pessoa ao sacerdote dizer-lhe a verdade, disse. E' necessario que voltes para o meio dos homens.

— Mas, para que me serviria ir sósinho? E' por causa do teu peccado que os mortos me perseguem, e todas as outras sombras! Tenho horror de ti. Levantaste a mão contra o proprio Deus. Não ha crime que se compare ao teu. E eu não poderia deixar de me alegrar, vendo-te condemnado á roda. Bemaventurado aquelle que soffre a sua pena n'este mundo, e assim evita a colera futura! Por que me fallaste do Deus da justiça? Obrigas-me a atraiçoar-te. Salva-me d'esse peccado. Vae procurar o sacerdote!

E lançou-se aos pés de Berg.

O homicida poisou-lhe a mão sobre a cabeça, e olhou-o fixamente. Mediu o seu peccado pela angustia do seu camarada: o crime cresceu aos seus olhos, e pareceu-lhe horrivel. Viu-se em lucta com a vontade que governa o mundo. O arrependimento entrou-lhe na alma.

— Desgraçado de mim! exclamou. O que me espera é demasiado atroz para que se procure espontaneamente attingil-o. Se eu me entregar aos padres, elles me torturarão horas inteiras. Queimarão lentamente as minhas carnes, até que eu morra! Não será um castigo sufficiente, esta vida de angustia e de miseria? Já não perdi o meu lar e os meus bens? Não vivo separado dos meus amigos e de tudo o que faz a alegria de um homem? Será preciso ainda mais?

Ouvindo isto, Tord ergueu-se, desvairado pelo terror.

— Ainda pódes sentir arrependimento? exclamou. Puderam as minhas palavras tocar-te o coração? Vem, depressa! Quando o acreditaria eu! Ainda é tempo!

Berg Rese deu um salto.

— De modo que tu já!...

— Sim, sim, atraiçoei-te. Mas, vem! Vem, depressa antes que te arrependas. Conseguiremos escapar...

O assassino baixou-se para o assoalho, onde se achava, perto d'elle, o machado que herdara dos antepassados.

— Filho de ladrão! disse com uma voz sibilante. Eu confiava em ti e eu te amava!

Mas, vendo-o agarrar o machado, Tord comprehendeu que a sua vida estava em jogo. Arrancou da cintura o seu proprio machado, e atirou-o contra Berg, ainda curvado.

O aço cortou o ar, e entrou na cabeça de Berg Rese, que cahiu para a frente. O sangue e os miolos saltaram. Um rombo largo e rubro appareceu no meio da abundante cabelleira.

(Continúa)

NutrioN

PARA

Fraqueza, Magreza e Fastio

O Dr. Emilio Gomes, Director do Laboratorio Bacteriologico Nacional, ensaiando o "Nutrion", chegou aos brilhantes resultados transmittidos no attestado abaixo:

O "Nutrion", formula do Dr. Julio Novaes, — dada a sua composição scientifica de valor não commum em preparados officinaes, - despertou-me o interesse e por isso resolvi estudal-o no terreno experimental. No curto prazo de minhas primeiras observações, pude verificar, de um modo francamente animador, as qualidades tonicas e reconstituintes do "Nutrion".

Numa fabrica, a que presto serviços profissionaes, escolhi 7 operarias das mais fracas (algumas em deploravel estado de miseria physiologica) e submetti-as ao uso diario do medicamento em questão. Havendo feito tomarlhes o peso inicial e depois mandando proceder a tomadas de peso semanaes, adquiri os elementos necessarios para o seguinte quadro demonstrativo:

NOMES	Peso Inicial	Duração do tratamento	Peso posterior	Augmento total do peso	Media do augmento do peso por semana
Iracema	39,500	3 semanas	40,900	1,400	466 grammas
Alzira	48. kg.	2 »	48,900	0,900	450 »
Carmen	40,200	3 »	41,400	1,200	400 »
Tarcilla	41 kg.	3 »	42,100	1,100	366 »
Cassia	44,000	4 »	46,100	1,200	300 »
Aurora	40,600	4 »	41,800	1,200	300 »
Amelia	48 kg.	4 »	49,200	1,200	300 »

Considero, pois, o "Nutrion" um reconstituinte que se recommenda á classe medica pelo accentuado valor scientifico de sua formula e se impõe á confiança do publico pelos resultados seguros que o seu emprego apresenta.

Dr. Emilio Gomes

A PALAVRA

ENVELHECER

é para as senhoras a mais triste do diccionario

Grande numero de moças, observando a formosura de certos rostos femininos, vindos do extrangeiro, commummente denominados "BELLEZAS PROFISSIONAES" e, devido ás insinuações de certos institutos europeus, chegou a convencer-se de ser possivel ESMALTAR o rosto — o que é absolutamente um absurdo e nunca foi executado. — O segredo de certas formosuras é devido a um tratamento racional e scientifico, onde predomina a ausencia de gorduras e é attendida a parte curativa, afim de eliminar as manchas, espinhas, cravos, vermelhidões, pannos — asperezas, emfim, todas as imperfeições da cutis. — O rosto para ser bonito deve ter a cutis lisa — parelha — bem unida — côres bem definidas — branca — leitosa, morena, matte — conforme a pessoa — ausencia completa de asperezas, espinhas, cravos, vermelhidões — inchações, grãos, etc.

O producto que indicamos para esse fim — O CREME POLLAH — da American Beauty Academy (Academia Americana de Belleza), representa verdadeiramente o ideal para o rosto e para a belleza. — Sem gordura, produz rapidamente a transformação da pelle, modifica, cura, elimina as manchas, cravos, espinhas, etc., alimenta a pelle.

O CREME POLLAH unico até hoje, consegue em pouco tempo fazer que a cutis apresente o aspecto ideal do esmalte em porcellana.

O CREME POLLAH encontra-se nas principaes perfumarias do Brasil. — Remetteremos gratuitamente o livrinho ARTE DA BELLEZA, a quem enviar o "coupon" abaixo aos Representantes da "American Beauty Academy". — Rua 1° de Março n. 151, sobrado.

(*Para todos*) — Córte este "coupon" e remetta aos Srs. Reps. da American Beauty Academy — Rua 1° de Março, 151, sob. — Rio de Janeiro.

NOME .. ..

RUA .. ..

CIDADE .. ..

ESTADO .. ..

ANNO V
NUMERO 244

Para todos...

Rio de Janeiro, 18 de Agosto de 1923

O HUMORISMO DA MORTE

"C'est pour celui qui souffre une joie enivrante de détourner les yeux de sa souffrance"... — *Zarathoustra* — NIETSZCHE

A *morte tambem tem o seu preço. Mas não é aquella commum, de hospital, "morgue", defunto. Não, essa não... E' preciso "décor". Quero dizer* a outra, — *morte de enterro, esquife, carros, missa. Mesmo assim... Outr'ora tinha mais importancia. Hoje, só ainda para os amigos, os parentes, o amante... Nós não temos nada com isso. A vida caminha depressa. Limitamo-nos a tirar o chapeu. Os passos continuam... E, quando o fazemos, olhamos para nós mesmos. Para a mór parte é apenas um accidente na vida. Por isso é que a morte tem o seu* humorismo. *Não me refiro, por exemplo, a essa de um mongol avarento, de olhos obliquos, amarello, decrepito e extranho, cujo nome é muito comico e vivia lá, muito longe!... Engraçado! Quero fallar da morte que acotovella na rua, nas columnas dos jornaes, na existencia de toda a hora. Na vida diaria é como na Trapa! E precisamos tanto de vida! Vem d'ahi o cultivo da illusão. Palavras! Créamos o* humorismo da morte! *O amor presta-se menos. O euphemismo é o melhor recurso.*

O Sr. Krystoffer Nyropp é um auctor dinamarquez que me chamou a attenção. Seu livro é devéras interessante, muito interessante! Chama-se: "A vida das palavras". Seria melhor que escrevesse: A outra vida das palavras. *O euphemismo é a traducção do inconsciente do medo. E' tambem uma especie de florão ou disfarce das coisas feias, crueis. Mentimos com suavidade á alma. Conheceis o soliloquio da illusão no "Corvo" de Poe, "o canto da resignação" na "Marcha Funebre" de Chopin?*

"Nunca mais" é uma expressão muito importante! O euphemismo *na vida quotidiana, é de uso corrente... Dizemos...* casa de saude (*maison de santé*), casa santa *ao envez de* hospital... executor, *em logar de* carrasco (*l'opérateur. Monsieur de Paris, le maître des hautes-oeuvres*)... patibulo, *melhor que* guilhotina (*la mécanique, la veuve*)... alienado *ao envez de* louco... tolo, *antes que* imbecil... bom rapaz *em logar de* mediocre... *O Sr. Nyropp vae muito longe! Ensinou-me que na França* os idiotas *são chamados "innocents" como na edade-média o eram de* benedicti. *D'ahi o* benêt *de hoje em dia. Os inglezes appellidam* silly *ao* estupido, *e, em allemão*, selig (*bem aventurado*) *significava d'antes*, feliz, muito feliz! *A palavra cretino vem de* Christianus, *de* Christo. *Mas, não me admirei. Na vida é mesmo assim. Mestre Anatole France já proferiu:* La bêtise c'est l'aptitude au bonheur.

Crear palavras é uma especie de divertimento humano. Deus, o Senhor, o Pae, o Eterno, Jeovah, tem uma grande messe de nomes a exprimil-o. Quantos nomes! Muitos nomes! O Diabo tambem os tem: o Tinhôso, o Sujo, o Tôrto, o Maligno, o Demo, Belzebú, Pedro Botelho, Satan, Lucifer, etc...

Mas é quanto áquillo que nos causa pena que inventamos maiores series. E' como se tivessemos immensa necessidade! Na morte, o euphemismo *disfarça, attenúa, suavisa. Diria: algodôa... A idéa da morte anda envolta com o terror do mysterio e o respeito devoto. Procuramos fugir-lhe... Porque a morte é sempre inopportuna e incommoda. Até mesmo quando nos fere, inventamos* palavras. *Morandi inventariou cem vocabulos e phrases... cem maneiras differentes de se morrer em italiano. O Sr. Carl Vogt affirma que, em allemão, existem cerca de duzentos modos. Tudo isto muito util! Despimos a apparencia do phantasma. Vestimol-o de* expressões! *Dizemos para aquelle* que se vae: "*Foi em paz*", "*dormiu o somno eterno*", "*deixou de soffrer*", "*fechou os olhos*", "*é mais feliz que nós*", "*finou-se*", "*foi-se*", "*entregou a alma a Deus*"... *Evitamos a simplicidade de uma palavra só...* de uma idéa. *Nada mais allucinante que uma idéa simples, sem remedio. Chegamos até a fallar "em outra vida"...*

"... não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre esta "mentira" tua!

E' commum lêr-se: Deu-se hontem o passamento... *etc. Outras vezes o euphemismo é "pedante" e exquisito: Causou pesar o exicio do Sr. Capaulsia... etc.*

Os epitaphios, em geral, são pretenciosos ou prolongam o protesto da lembrança eterna imaginaria. Dizem que nos E. Unidos fazem reclame nas tumbas...

Entre os inglezes, quando morre alguem, costuma dizer-se: Exceeding well, his cares are now ended (Muito bem! Seus soffrimentos tiveram agora um fim)... Tambem, entre elles é habito referir-se ao inferno *como* "*a very* uncomfortable place!"

N'outros idiomas ha maneiras curiosas de baptisar a morte. Na Allemanha diz-se: "Die Nacht in der niemand arbeiten kann" (*A noite em a qual ninguem póde trabalhar*).

Entre nós, quando acontece morrer um, fallamos em "fatalidade", destino", acontecimento infausto"... E, não fica bem dizer "o defunto" "mas" o cadaver ou "o corpo" ou "os restos mortaes"... Em dinamarquez meu auctor informa que se diz hensovet (*adormecido*) *ou* salig (selig *em allemão — o mesmo que bem aventurado ou feliz ou estupido*) *Tambem na Inglaterra o morto é* blessed (*abençoado*) *e, na França*, le regretté, le pauvre (*o pobre coitado!*). *Os italianos dizem simplesmente: povero!*

Não se deve dizer caixão mas antes — esquife, feretro, ataúde...

A cova *fica menos fria como* sepultura *ou* jazigo *ou* carneiro... *O* cemiterio (*koimeterion — logar da paz*) *é o* campo santo... *Um distico latino vem a proposito:* Memento homo...*etc. ou* Revertere ad locum tuum... *A's vezes o consolo é de ironia de* humorismo. *Na Allemanha, quando passa um* cortejo, *os traseuntes olham e, laconicamente, apontam com o pollegar, juntando uma phrase:* Er ist um die Ecke gegangen (*Foi para o canto*); er ist abgerutscht (*Elle escorregou*); ihm tut kein Finger (*ou Zahn*) *mehr weh* (*Não lhe dóe mais dedo ou dente*). *Os dinamarquezes mofam: "Esqueceu de respirar", "comprou bilhete de sahida"... Em italiano é:* finire di mangiare pane, andari negli altri calzoni, andare a ingrassare i cavoli... *Na França a caçoada é muito maior:* Remercier son boulanger, perdre le pont du pain, souffler sa veilleuse, fermer son parapluie (!!), casser sa pipe, remiser son fiacre, poser sa chique...

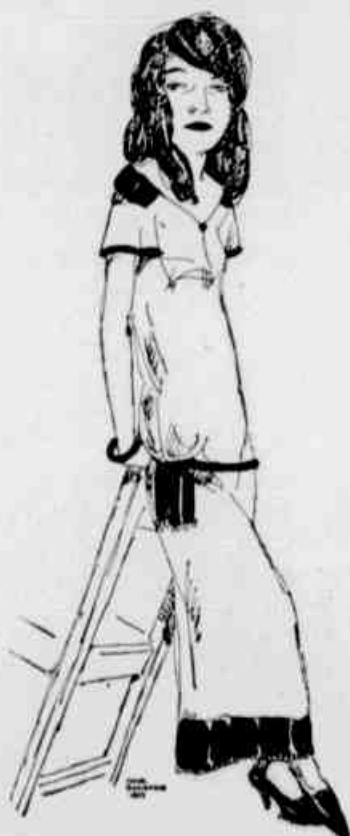
Aqui, tambem, não deixa de ser mais ou menos engraçado "*bater a bota*", "*bater o trinta e um*", "*bater a pacuêra*", "*esticar as canellas*", "*embarcar*", "*bater na cêrca*", "*ir dessa para melhor*", "*ir para a cidade dos pés juntos*", *etc., etc.*

Sim. A morte tem o seu humorismo. *Antes isso. Pelo menos por* euphemismo. *E' preciso cultival-o. Existem até danças macabras e comicas a valer, de esqueletos pinchando... Façamos antes como aquelle Heine que dizia gostar de tomar um bom trago de vinho com a comadre* Morte *e o amigo* Destino. *Só assim transformaremos o espectro em chocalho (Klappermann) ou polichinello (Streckebein)... a imitar-nos.*

LIMA DA ROCHA

JORGE BARRADAS, DEGOLLADOR DE MULHERES

Jorge Barradas, um pintor de paysagens e de mulheres, de mulheres-paysagens e de paysagens-mulheres, deve estar no Rio a estas horas. E' necessario que o Rio se aperceba da existencia d'este pintor, d'este pintor que levou Portugal ao Brasil na ponta do seu pincel, como Sacadura e Gago o levaram na fragilidade d'um avião. Cada um na medida dos seus recursos.

Jorge Barradas, um dos azes da moderna geração portugueza, começou a sua carreira a desenhar mulheres, muitas mulheres, principiando, portanto, pelo fim. Ou não fossem as mulheres o fim de tudo. Barradas foi, durante muito tempo, o maior carrasco de Portugal: degollava todas as mulheres que lhe cahiam na retina e estampava-as a seguir em papel Whatman, *mas todas as suas victimas conservavam, nas cabeças degolladas, sangrentas de carmim, uma vida tão grande, uma alegria tão profunda que dir-se-hia não terem perdido uma gotta de sangue... Entretanto, Barradas soffria; Barradas cançou-se de ser Barrabás. Em toda a sua obra, triumphante e alacre, via apenas um sudario. Voltou-se então para as arvores, para as ondas, para as montanhas, para tudo quanto é feminino na terra e no mar. E eis a razão da sua nova maneira. A arte actual de Barradas é um remorso, um remorso das suas execuções capitaes. Mas já as mulheres se movimentam, sof-*

CHRONICA ORIGINAL DE ANTONIO FERRO

fregas de sacrificio, saudosas da arte-guilhotina de Barradas. E são ellas proprias, estou certo, que, muito breve, irão offerecer as suas cabeças, vistosas como chapeus, ao suave carrasco.

Remy de Gourmont, esse prestidigitador, tem um conto, passado n'um reino longinquo, onde as mulheres se revoltaram contra o seu principe por elle ter abolido um sacrificio annual, o certo deus, das mais lindas mulheres do paiz. E o principe generoso, que prohibira o barbaro costume, viu-se obrigado, por imposição das victimas, a consentil-o novamente...

O mesmo se vae dar com Barradas. As proprias mulheres, suas victimas, lhe vão atirar, ao regaço da sua arte, como flores, as suas cabeças decepadas... E antes que isso aconteça por que não vae Barradas ao encontro d'esse desejo, por que não se entretem a degollar todas as cariocas? Por que não illustra esta chronica, já que está ahi, com algumas d'essas cabeças? Por que não me faz seu cumplice? As cabeças das cariocas na arte de Barradas... Que linda collecção de sellos!...

Lisboa — 1923.

(DESENHOS DE JORGE BARRADAS)

ANTONIO FERRO

"IN THE RIGHT PLACE"

— E' uma familia de artistas. O pae pinta os bigodes, a mãe, as olheiras e a pequena... o *sete*.

DO MEU DIARIO

Bella flor! Bello jasmim, branco e puro como a lagrima que recebeste de meus olhos beijados! Guarda esta lagrima que contém o (seu) beijo! O (seu) beijo que me despertou e fez chorar! O (seu) unico beijo!

Eu te amo, e quero que me falles delle, da saudade infinita de um amor que foi enorme e por isto tão curto!

Sim, has de me recordar sempre a paysagem soberba de uma noite enluarada, em que tudo era lindo!

Elle me fallava baixinho, docemente como a brisa que passava... O que dizia elle? — Eu mesma não sei. Só sei que era feliz!

Tu estavas entre as minhas mãos brancas de luar, e quanto te apertei, lembras-te?

Depois, seus olhos mansos procuraram a lua nos meus olhos... seus braços envolveram-me com ternura!

Quanto tempo assim ficámos? — Um segundo? — Um seculo? — Não sei. Só sei que era feliz! Tão feliz que tive medo e quiz fugir-lhe.

Mas seus queridos labios supplicavam tanto... e elle beijou-me os olhos tão longamente, que me fez chorar a lagrima que te entreguei!

Guarda-a, guarda-a bem! E' a unica lembrança da minha grande felicidade!

Eu t'a confio, jasmim amigo! E, quando tremula velhinha, eu te encontrar entre estas paginas, apesar de tambem velhinho, amarellecido pelo tempo, has de me recordar sempre a paysagem soberba de um luar de prata, em que tudo era lindo!

E tambem, como então, eu terei uma lagrima, branca e pura como os meus cabellos, para entregar-te, jasmim amigo, cofre de minhas saudades!!!

LÔLA

COMEDIAS E COMEDIANTES

O successo d' A Viuva Alegre *deu logar a um sem numero de lendas. Cada alviçareiro queria ter a primasia de conhecer-lhe a historia. Só n'um ponto, todas as versões estavam de accordo: Lehar era um compositor quasi desconhecido, apesar de ter feito cantar uma opera no Theatro Real de Budapest. Agora appareceu em Vienna uma historia; esta, ao que parece, é a verdadeira. Conta-a o reputado critico de arte Ludwig Karpath, em um dos seus folhetins. Karpath — que era amigo intimo de Franz Lehar, — começa por narrar a pouca confiança dos librettistas Victor Leon e Leon Stein, e dos empresarios Karezag e Wallner, na partitura, no decorrer dos ensaios. Era tal a convicção de que marchavam para um desastre, que não só descuraram da enscenação da operetta como prepararam outra para substituir* A Viuva Alegre *logo que o publico começasse a abandonar o theatro. Karpath — critico temido, embora amigo de Lehar, — não tinha ouvido nenhum trecho da musica e no dia do ensaio geral apresentou-se no theatro. Os empresarios quizeram dissuadil-o de ouvir a operetta n'aquella noite, mas o critico insistiu tanto que o collocaram no fundo da platéa completamente vasia. Um ensaio geral sem espectadores era a prova mais evidente do desanimo da empresa. No fim do primeiro acto, um dos empresarios, receoso e vexado, veiu saber a opinião do critico, e com grande espanto ouviu-o preconisar um successo. No fim do segundo acto, não só os dois empresarios como os librettistas, já mais animados, ouviram de Karpath os maiores elogios á musica e uma forte censura pela insufficiencia dos vestuarios e dos scenarios. O critico vacticinou o exito de certos numeros e affirmou que a peça correria mundo.*

No dia immediato as previsões do critico realisavam-se e A Viuva Alegre *representou-se n'aquelle theatro, sem interrupção, durante dois annos.*

*O caso d'*A Viuva Alegre *não é virgem; antes e depois d'ella, muitas peças têm sido levadas á scena, em todos os paizes, sem confiança e sem cuidados de montagem, e têm logrado successo. Ao passo que outras, em que todo o mundo confia e que são levadas á scena com grande apparato e espalhafatosa reclame, vão direitinhas para o porão...*

☆ ☆ ☆ *Mudando de assumpto. O leitor já leu* A Cidade Mulher, *o ultimo livro de Alvaro Moreyra? Não? Pois não hesite, compre o elegante volume e percorra esse admiravel album de instantaneos, recolhidos por um fino e justo espirito observador e favo-*

Rosita Rodrigo, da Companhia Velasco

Maria Caballé, que na revista *Arco Iris* tanto tem encantado a gente carioca.

Mario Vitoria, director artistico da Companhia Velasco e co-auctor da revista *Arco Iris*

Arturo Soto, um dos comicos applaudidos todas as noites no S. Pedro.

Josefa Blasco

recidos por uma scintillante imaginação. Os livros de Alvaro Moreyra são sempre obras de poeta, mas de poeta de raro bom gosto, delicado, fluente, equilibrado e de um optimismo encantador que nos sensibilisa e emociona. A Cidade Mulher *são re-*

Eugenia Galindo

Antonio Moreno

Moreyra fazem lembrar aquelles claros dias quando estalam as trovoadas de verão, em que, apesar do entreluzir dos relampagos, do estrondo do trovão e do zig-zaguear das faiscas, o ceu conserva a sua puresa anilada e uma grande e formosa serenidade!

Rosita Rodrigo

Amelia Robert

Maria Caballé

Mario Vitoria

talhos da comedia da Vida, em que a verdade apparece nua, mas cheia de graça e de elegancia. Uma alegria discreta nos faz sorrir a todo o momento. A engenhosa e amavel phantasia de Alvaro Moreyra compraz-se em combater o pessimismo, encobrindo com sorrisos os aspectos menos sympathicos da Vida. Os livros de Alvaro

Mario Vitoria

Caricaturas de Garcia Cabral

"PARA TODOS..." NO MINISTERIO DA AGRICULTURA

B. F.

Eis o D. Quixote do Ministerio da Agricultura. Não, porque como o legendario heroe de Cervantes tenha uma "triste figura", bem longe d'isto, pois o nosso perfilado é um bello rapagão na accepção rigorosa da palavra; mas, porque como o celebre cavalleiro é o pobre apaixonado pelos seus gloriosos feitos, sempre prompto na defesa das damas, verdadeiro paladino dos fracos.

Substitue com vantagem o "Rocinante" por um cão policial: o "Bateria", e o gordo Sancho por conhecido socio do Flamengo.

E' adorado pelos collegas, a quem elle conta as suas conquistas e victorias, captivando-os tanto, que quando elle não vae ao trabalho (o que é raro), é um dia de tristeza em toda a 3ª secção.

Intransigente quanto ao respeito que se deve a uma senhora, conta-se que já se bateu por uma "dulcinéa" que, aliaz, não era a sua, e que o Ministerio em peso veiu vel-o, quando, apoz a lucta, de braço na tipoia e collarinho amarrotado, porém vencedor, elle, qual novo Tartarin, partiu em busca de novas e mais arriscadas aventuras... Clio

Centenario de Gonçalves Dias. Duas festas no salão da Associação dos Empregados no Commercio. Em cima: artistas que tomaram parte na sessão littero-musical. Em baixo: D. Angela Vargas Barbosa Vianna; os poetas Alberto de Oliveira e Amadeu Amaral; alumnas do curso da illustre declamadora e senhores, que abrilhantaram o Sarau de Arte em homenagem ao cantor dos "Tymbiras".

B. A.

Não é de perfil é de frente que eu quero que apreciem a deliciosa amiguinha que lhes vou apresentar: Mais baixa do que alta, gordinha, de grandes olhos negros e cabellos quasi castanhos, nariz bem feito e bocca maravilhosa, a feliz possuidora da mais linda tez que tenho visto é sem duvida a mais bonita, graciosa e elegante das "meninas da Agricultura".

De uma linha impeccavel nunca se viu a B. no jardim ou no restaurant do Ministerio, no emtanto muita gente quedaria admirada, ao ver com que graça, com que geito ella, na hora do lunch, entretem as colleguinhas contando-lhes anecdotas de espirito e commentando discretamente tudo o que se passa...

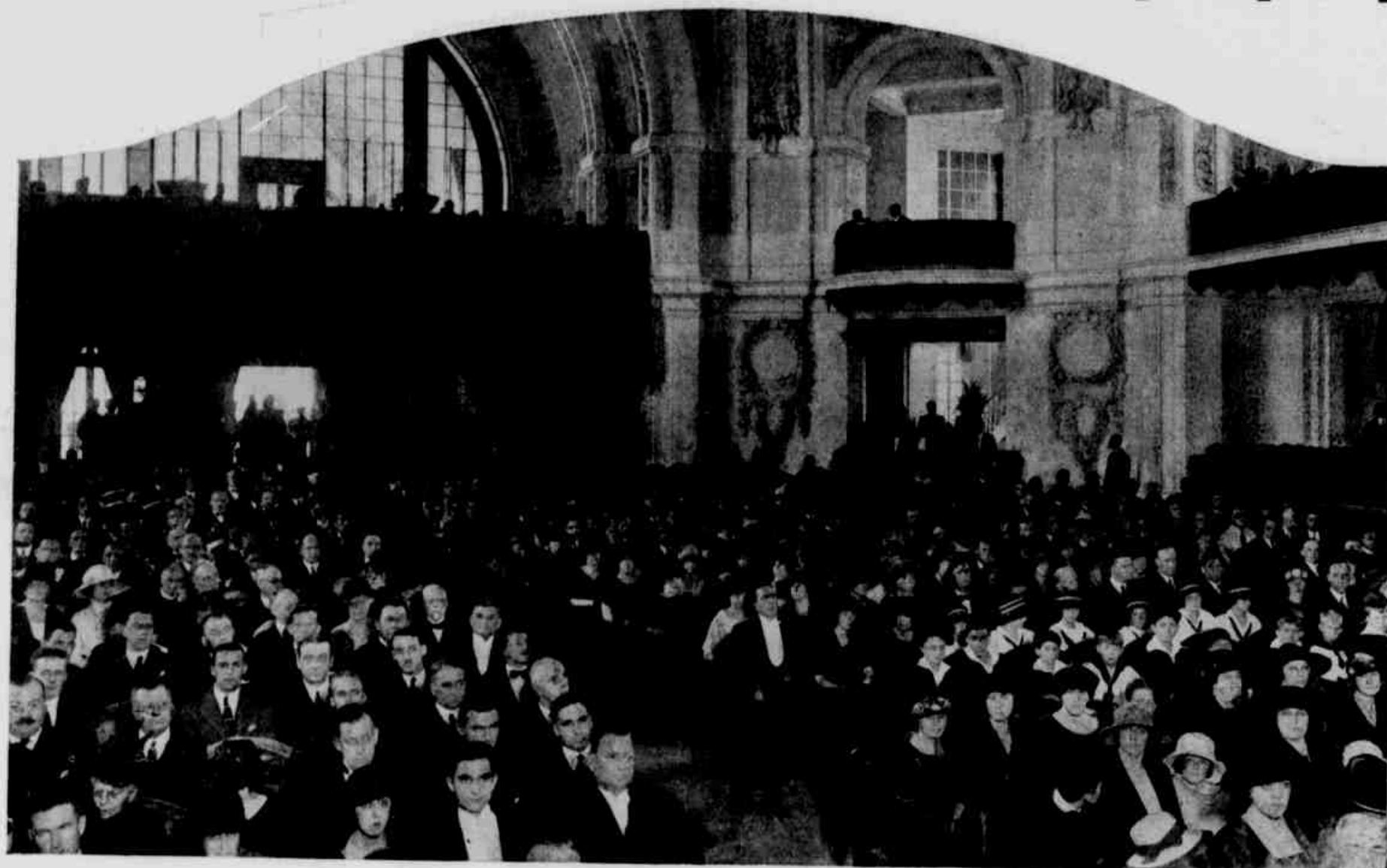
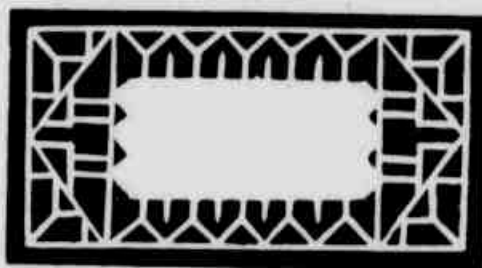
Apaixonada pela litteratura, aprecia immensamente os grandes escriptores e eu penso que é por isto que uma das suas expressivas amiguinhas vive a citar-lhe trechos de A. Herculano e só a chama de Hermengarda.

Nas suas travessuras lá no Trianon entrava algum gardingo?

Clio.

"Vernissage" da XXX Exposição Geral de Bellas Artes, na Escola, sabbado passado

Jantar que a encantadora artista Rosita Rodrigo offereceu a jornalistas seus amigos e no qual "Para todos..." esteve na pessoa do nosso companheiro Antonio Backes.

Encontra-se, em cada homem, o homem inteiro. — Montaigne.

Em cima: aspecto do Palacio das Festas da antiga Exposição do Centenario, no dia 1°, durante as homenagens funebres prestadas pela Embaixada dos Estados Unidos e pela colonia americana á memoria do Presidente Harding.

Em baixo: photographia tomada na Estação do Sacco, por occasião da chegada do Dr. Mario Behring, Grão Mestre da Maçonaria Brasileira e sua comitiva, recebidos pelas Lojas Fraternidade Campista, Progresso e Atalaia do Sul, do Oriente de Campos.

ARLEQUINADA

A Felippe de Oliveira.

Terrasse *de casa elegante na Avenida Atlantica. Vêm do interior as notas longinquas de uma orchestra de* tzyganos. *Lá dentro pares farandolam. A alegria desvaira. Noite de Carnaval.*

Arlequim, encostado á balaustrada, deante do mar e da noite, está em extase, a ouvir as palavras de Pierrette.

PIERRETTE

Seja! Um beijo. Mas só depois que me disseres
Quem foi que te ensinou a mentir...

ARLEQUIM

As mulheres...
A mentir e a fazer soffrer...

PIERRETTE

Litteratura...

E dizer que anda assim uma pobre creatura
Tres dias supportando o delirio amoroso
De alguem que ama por vicio e que mente por goso.
Ora vejamos: tu passas noites em claro
Pensando em mim.

ARLEQUIM

E então?

PIERRETTE

Pura *blague*, meu caro.
Passas noites em claro, é verdade, embebido
A jogar; muita vez até com o meu marido.

ARLEQUIM

Que ganha sempre por signal. Toda a partida
Lhe pertence. Tem visto a fortuna na vida.
Feliz que póde ter tudo quanto deseja:
A bocca que não beijo é a bocca que elle beija.
O olhar languido que amo é justamente aquelle
Que não deixa de olhar constantemente o delle.
Tem sido sempre assim...

PIERRETTE

Infeliz quem te escuta,
Orpheu fascinador! Teu beijo tem cicuta.
Como sabes mentir! Arlequim-Lovelace
Das noitadas do Assyrio e kan-kans do Palace;
O D. Juan, *Barba Azul* sem nervos e sem alma
Que traz um cheiro de mulher em cada palma
Da mão e em cada phrase apura e torce e lima
A flor do madrigal na corolla da rima.
Um poeta...

ARLEQUIM

Que dispõe de mil damas em summa
E seria feliz sendo amado por uma.
Mas a felicidade, o amor que se presume,
Como o ether que se esvae do teu lança-perfume
Vive um instante no ar, um instante indeciso
E morre na expressão breve do teu sorriso.
Depois... E o beijo?

PIERRETTE

O beijo? Amanhã.

ARLEQUIM

Não, agora.
Não vês? Paira um silencio estrellado cá fóra.
A noite deita ao mar beijos que são scentelhas.
Anda o luar pastoreando um rebanho de ovelhas,
As estrellas. Na sombra azul que a noite espanca.
O céo é calmo... O mar é triste...

PIERRETTE, *n'um gesto de quem aponta...*

A areia é branca...

ARLEQUIM

Teus olhos, atravez das pestanas serenas,
Brilham...

PIERRETTE

E as minhas mãos?

ARLEQUIM, *beijando-as*

As tuas mãos são pennas.

PIERRETTE, *desvencilha-se do extase em que já estava enleiada, solta uma gargalhada e corre pela* terrasse...

PIERRETTE, *abrindo os braços*

Não creio em nada! A vida é essa bola que gira
Sobre um eixo que tem por symbolo a mentira.
Não quero crer. O amor é apenas um gracejo.
O que existe além delle é o desejo, o desejo,
A volupia que enlaça, o delirio que anima,
O demonio...

ARLEQUIM

Silencio! Ha alguem que se approxima.

Um creado grave atravessa a terrasse *com uma bandeja faiscante de crystaes. Deposita-a n'uma das mesas e retira-se em seguida.*

ARLEQUIM

Amanhã. Desde que amo e passo incomprehendido,
Me fere esta palavra eternamente o ouvido.
Soffro demais!

PIERRETTE

Agora um momento de calma.
Dirigindo-se á bandeja.
Um pouco de *champagne* melhora o estado d'alma

ARLEQUIM

Sim.

Emborca, em pequenos intervallos, a primeira, a segunda, a terceira, a quarta taça.

PIERRETTE, *tomando-lhe a quinta taça:*

Basta... Não permitto exaggeros. Na vida
Que exaggeres no amor, mas nunca na bebida.
E' feio...

ARLEQUIM

Pouco importa. E' nella que me illudo
E de tudo que sonho, alcanço quasi tudo
Erguendo a taça e olhando-a:
Na gemma côr de mel que á superficie boia
Com reflexos de sol e lampejos de joia,
Vejo: é um topazio que se biparte no centro:
São teus olhos! e os meus ficam quietos lá dentro
Levo aos labios, a mão tremendo, a taça fragil:
E' um favo. Lavrou-o uma abelha mais agil,
Uma abelha que amou os lyrios que não bolem
E fez teu beijo e o mel quasi do mesmo pollen

Pausa

Estendendo-lhe os braços

Dá-me outra taça.

PIERRETTE, *apanhando a taça e bebendo alguns goles, antes de entregal-a:*

Por que dizes que o meu beijo
E' um favo? Que loucura! illusão do desejo!
Como sabes se é doce? e se acaso não fosse?

ARLEQUIM

Como nunca o provei, deve elle ser mais doce,

Pausa

Ha quanto tempo sonho o goso fino e lento
De poder a teus pés derramar o tormento
Da minh'alma e dizer como a flor diz á abelha
Uma historia de amor, roçando a tua orelha.
Uma historia vulgar. Um acto que se anima.

PIERRETTE

Um melodrama?

ARLEQUIM

Não. Uma simples pantomima.

Pausa

ARLEQUIM *chega-se mais para perto de Pierrette e murmura-lhe ao ouvido:*

Noite de luar, numa *terrasse*.
Arlequim, uma lagrima na face.
Tremulo diz:
Pierrette, não me conheces...
Ai se soubesses
Como sou infeliz!
Pierrette attenta o ouvido
Na sua voz, mas o marido,
Pierrot bebedo e vulgar,
Chega, enlaça Pierrette,

E vão na poeira de *confetti*
Serpentinando no ar...
Arlequim, deante de dez taças,
Bebe uma a uma. Tu que passas,
Mascarada, põe-te a ver:
E' o *champagne* que o domina?
— Não é *champagne* é morfina.
Arlequim vae morrer.
Arlequim! Teu peito está cheio.
Morre comtigo o galanteio,
A *blague*, o encanto fascinador.
— Foi o *champagne?* foi a morfina?
— Não, minha menina,
Foi o amor...

PIERRETTE, *commovida*:
Linda historia! mas tem um fim que não devia.
Felizmente, Arlequim é apenas phantasia...
Pausa

PIERROT, *surgindo á porta que dá accesso ao salão*:
Mas que fazem vocês aqui nesta humidade?

PIERRETTE
Vemos a noite e o mar...

PIERROT
Deixa de bestidade,
Vem dançar. A Beatriz está maravilhosa,
Phantasiada de vespa e o marido de rosa.
A Elsa trouxe no manto asas de borboleta.
Zuleika veiu de Maria Antonietta.
Todos dançam. Lá dentro a alegria extravasa...
'Stou radiante! E' um jardim de flores minha casa!

PIERRETTE
Não. Queremos ficar ainda um pouco cá fóra.

ARLEQUIM
Depois iremos...

PIERROT
Sim. Dou-lhes um quarto de hora...
Ri alto e se afasta gordinho e alegre.

ARLEQUIM, *depois de um longo silencio*:
Homem feliz o teu marido! Elle extravasa...
Pudera! si é um jardim de flores sua casa...

PIERRETTE *sorri um sorriso triste.*

ARLEQUIM, *tomando-lhe as mãos*:
Meu amor! E dizer que tu fosse educada
Flor de estufa, camelia espiritualisada
Para augustos salões ou sombras de arvoredos,
Onde alguem com uma flor heraldica entre os dedos,
Curvado, te dissesse, inebriado quasi,
Na elegancia do gesto e no lavor da phrase
Tudo; mas fico mudo, inteiramente mudo
Porque te amo demais para dizer-te tudo.
Debruça-se á amurada e chora.

PIERRETTE, *depois de um longo silencio*:
Deves convir... A minha vida... A minha vida
E' bem isto que vês, esta ancia desabrida
De ideal, de um grande ideal que o mundo não comprehende.
Mas não posso quebrar a algema que me prende.
Pausa
Que diria de mim a sociedade toda,
Essa gente que gira em torno á nossa roda
Que diria de mim? A perfidia de lama
Teceria com as mãos de sombra a ignobil trama
E, élo por élo, vinha estreitando a cadeia.
Depois, era o esplendor de um sonho que baqueia,
Uma mulher a mais para a historia sombria
Da Vida... E a folha morta ia na ventania...
Suffocada, em soluços, passa-lhe inconsciente os braços em torno do pescoço e dá-lhe a bocca. Ha o fremito de um longo beijo.

ARLEQUIM *fallando-lhe dentro da bocca*
Que importa? Vem! O amor é essa illusão de agora!

PIERRETTE, *afastando os braços que a enlaçam*:
Não posso...
O creado, que surgira sem ser presentido, tosse

O CREADO
E' que o doutor chama pela Senhora.
Ha um grave silencio. O creado retira-se. Pierrette, afogueada de volupia, compõe os cabellos desalinhados, joga ainda um beijo a Arlequim e sahe.
Arlequim, só, entregue ao seu delirio, embriagado de alcool e de emoção, olha longamente o mar e a noite. Depois, num gesto molle e desalentado, tira do bolso algumas empoulas e uma seringa. Toma da agulha e crava algumas vezes no braço.

ARLEQUIM
Um cinzel a rasgar as velas da obra prima.
N'uma voz que mal se percebe:
Arlequinada... Triste fim da pantomima...

Rola a cabeça sobre a mesa. Momentos depois está morto. De subito, uma algazarra diabolica acorda a terrasse adormecida. Pierrot surge á porta arrastando Pierrette e uma longa farandola de mulheres. Vêm cantando e dançando. Giram em torno da mesa onde se debruça Arlequim. Jogam-lhe confetti sobre a cabeça em palavras loucas ao bebedo, emquanto no alto ceu a mascara tranquilla da lua olha a scena com um sorriso cortado de piedade e de ironia para aquelle fim de acto.

PANNO

OLEGARIO MARIANNO.

Richard Strauss, regente, e o Professor Baumann, director da Philarmonica de Vienna, com os musicos da grande orchestra que esteve no Municipal.

Terra Carioca

Samsão, o vendedor de bolas

Bolas! Bolas!

Era o grito que se ouvia diariamente, nos pontos onde a creançada affluia. Grito peculiar daquelle typo de vendedor de balões coloridos, gaudio da garotada.

Outros vendedores do mesmo artigo perambulavam pelas ruas da velha cidade. Nenhum, porém, despertava a mesma sympathia, nem tinha o aspecto marcial de Samsão. Foi um verdadeiro typo de rua.

A sua historia, é em parte, pouco mais ou menos, egual á de todos os desgraçados corridos da fortuna e acossados pela miseria. Em sua terra fôra soldado e heroe, tinha no peito os ferimentos recebidos na guerra de Cuba, sua patria. Veiu para o Rio de Janeiro tentado pelas possibilidades de melhorar a sua situação, mas a sorte não lhe sorriu. Como tantos outros, tornou-se vendedor ambulante; vendeu de tudo e acabou modelo de artistas, e foi essa a sua maior fortuna...

Certa vez, não havia modelo para a aula de pintura do professor Henrique Bernardelli, na velha Escola de Bellas Artes, situada nos fundos do Thesouro Nacional.

Soares Cunha, um bonissimo espirito e rapaz folgasão, sahiu para a rua, e dentro de poucos instantes voltou em companhia de um bello typo de homem, masculo, cabellos annelados e magnifica barba a cobrir-lhe o peito largo. Era o Samsão. Explicaram-lhe em que consistia o servir de modelo e quanto ganharia por hora de trabalho. Não relutou um só instante. Despiu-se rapidamente, mostrando um corpo forte á mocidade. Quando o mestre chegou, collocou-o na pose escolhida, deixando os discipulos entregues ao estudo.

O vendedor de balões sahiu-se ás mil maravilhas.

Estava lançado. D'ahi por deante trabalhou sempre.

Viveu com os artistas e tornou-se querido dos rapins.

Quando não posava, vendia os balões, coloridos, seus velhos companheiros, apregoando-os com o estribilho de sempre...

Um bello dia desappareceu. A morte que não abatera o soldado em plena guerra, levou-o sorrateira, em poucos dias, sem que ninguem suspeitasse. O acaso encarregou-se da noticia... Foi o velho Samsão um amigo dos artistas; um modelo, onde mestres e discipulos buscavam a fórma para concretisar um ideal sonhado; uma medalha, um quadro ou uma estatua. Durante quasi cinco lustros peregrinou pelos ambientes de arte da cidade: na Escola de Bellas Artes, no Lyceu de Artes e Officios e nos ateliers improvisados dos nossos artistas moços. Samsão morreu só, rodeado pelos seus, não teve á cabeceira nenhum dos que lhe buscaram no corpo athletico as linhas componentes das obras de arte executadas em busca da Gloria, entrevista nos momentos de lucta e desanimo, tão communs na vida dos artistas. Não teve uma flor a ornar-lhe o caixão de ultima classe, um acompanhamento digno de quem tantas vezes contribuiu para a realisação perfeita de um pensamento, elle que foi o traço de união entre a idéa e a execução da obra de Arte... Deve ter succumbido á lucta, feliz, por ter emprestado o seu corpo a gerações de visionarios, a uma legião de homens e mulheres que, em torno do seu nu, traduziam para o papel e para o barro a expressão maxima do Bello...

Miguel era como se chamava. Uma circumstancia, porém, roubou-lhe o nome: certa occasião, posou na classe de Henrique Bernardelli, para o thema "Samsão e Dalila"; com tanto sentimento interpretou o personagem que os estudantes resolveram chamar-lhe, d'ahi por deante, unicamente Samsão. Vinte annos são passados, e ainda em nosso espirito se conserva a visão daquelle tempo: Arthur Timotheo, José Amarante, Soares Cunha, mortos prematuramente, Eudoxio Trajano, Eduardo Bevilacqua, França e Lucilio de Albuquerque, em torno do velho modelo, amordaçado, com os musculos triturados por uma quantidade de cordas tesas. A tudo resistia o bom Miguel para que o trabalho dos jovens alumnos, seus amigos, fosse levado a bom termo. Samsão foi a semente de muitos fructos, foi a arvore sob cuja sombra cresceram gerações e amadureceram idéas, que hoje fructificam em beneficio de outras gerações mais novas. Viveu como morreu: obscuro, mas honrado, pertenceu á casta dos que pouco sabem do passado e ignoram por completo o futuro. Esquecia as dores curtidas para reviver o sonho do artista nas mais complexas modalidades. Samsão nasceu do povo, do mesmo povo que forneceu elementos aos mestres para crearem as suas obras primas. Ahi estão Henrique Bernardelli com a "Tarantella" e "Bandeirantes", Rodolpho Amoêdo com a "Partida de Jacob" e "Christo em Capharnaum", Zeferino da Costa com o "Obulo da viuva", Rodolpho Bernardelli com o "Christo e a adultera", todos os seus modelos sahiram da casta de Samsão, da casta humilde, cheia de evocações e psychologia. Quem conhece o homem simples do povo é que póde julgar o grão de sentimento de cada palavra, do seu canto prenhe de harmonia e lyrismo inconsciente.

O proprio "Dante encontrou na casta de Samsão quem sentisse com elle, transportando no seu tempo os seus maravilhosos versos através dos campos e nas tavernas, onde era commentado e declamado como se usa hoje nas academias e atheneus". "Nulla piú idiota, dunque, oltre che di piú malvagio, del la'ccusare il popolo di non amare e di non comprendere l'arte", disse um grande artista tratando da "Belleza viv'da".

Quantos jovens não terão pensado seguir a carreira das artes, contemplando a figura de Samsão, transportada com talento para a tela ou para o marmore. A historia nos ensina que foi ouvindo os versos de Malherbe, que La Fontaine sentiu a força do seu genio e que foi o "D. João" de Mozart o factor revelador para Gounod, da consciencia da sua vocação, e que foi visitando uma exposição em Dresde que Ibsen comprehendeu o seu destino.

Samsão deve repousar em paz. A sua imagem não morrerá porque floresce na lembrança de todos os que admiram as joias de arte onde a sua varonil figura apparece. A sua imagem será para as gerações que surgem o que a chamma é para a mariposa, será uma bandeira em cujas dobras serão acolhidos os loucos e os temerarios que buscam no Bello o lenitivo para o soffrimento vivido. Samsão morreu delirando como Ajax de Sophocles: "Obscuridade, ó minha luz!" Os velhos guardarão a sua lembrança nas obras que fizeram e os moços terão sempre presentes as suas narrativas da vida do soldado da guerra de Cuba e dos factos passados no convivio dos mestres. E assim foi a vida do pobre vendedor de balões coloridos que todos conheceram.

ERCOLE CREMONA.

Samsão — Desenho de Argemiro Cunha

PEQUENOS POEMAS

NA ROÇA

TARDE

Regressa á casa o lavrador, cançado;
Enxada ao hombro; de um cigarro, a ponta,
Ainda entre os seccos labios lhe desponta
Sob os ralos bigodes, apagado.

De um lado espia, espia de outro lado
A ver se, acaso, no caminho, aponta
A doce companheira, sempre prompta
A suavisar-lhe o doloroso fado.

E nada... Que tristeza! De repente
De uma onda de alegria o extranho brilho
Enche-lhe o olhar... E, em pouco, calma-
[mente,

Tendo a mulher defronte, e ao lado o filho,
Com o orgulho de um rei come, contente,
Lombo de porco com fubá de milho.

NOITE

Sobe, erma, a noite... O ambiente é pri-
[sioneiro
Da paz serena, a que não fere o trilo
Monotono e metallico do grilo,
Nem, do valle, o tan-tan do tanoeiro.

O ceu refulge como um jasmineiro
Argenteo. De profunda calma, asylo
O arvoredo se faz. Enche o ar tranquillo
De errantes ventos um rumor ligeiro.

Na sombra e no silencio recolhida,
Scismas, vagando o pensamento incerto
Por sobre os sete circulos da Vida;

E da onda humana libertada a custo,
— Alma! — como do ceu te sentes perto
Na cathedral d'este silencio augusto!

LEONCIO GARCIA.

☆ ☆ ☆

A MORTE DE NARCISO

(Para Alvaro Moreyra)

Vae meu grito de dôr envolto no meu
[canto!
Jovens da Eterna Grecia! Ouvi-me! Sou
[Narciso
Que avistaveis passar no seu prateado
[manto,
Tendo na bocca em flor a rosa de um
[sorriso!

A sombra do Passado hoje me envolve o
[encanto...
Ides ficar sem mim, jovens que eu divi-
[niso!
N'um ultimo adeus, fitae-me! E enchei-
[vos de quebranto,
No esplendor de quem olha o marmore
[de um friso!

Flautas pagãs! Tocae a musica sonora
Dos sagrados festins! Meu peito já es-
[tertora...
Nymphas gentis, piedade! Olhae! Sou a
[Tristesa...

Minhas sedosas mãos! Meus cabellos bri-
[lhantes!
Descei, descei commigo ás aguas — tão
[cantantes!
Sepultando no abysmo a Candura e a
[Bellesa!...

Julho de 1923.

CARLOS A. LIMA.

☆ ☆ ☆

CADEIRINHA VELHA

Para I. Soares

Fragil cofre de lacca, lavorado
Pelas mãos delicadas de algum chim,
— De dois negros nos braços pendurado:
Ia a moça fidalga ao serenim.

Sonho. — Seculo XVIII — E o galarim
Em que ella viveu... E o namorado...
E um beijo... E esse perfume do passado
De seu corpo, na felpa carmezim...?

Roto o almadraque, aberta n'um bocejo
A porta, deixas ver á edade, a ruina,
Desse amor que voou n'um grande beijo...

Joia exquise, *liteira abandonada,*
Conta:—"Era uma vez..." E não termina
A velha historia da fidalga empoada...

R. MENDES RIBEIRO

BA-TA-CLAN

— Meu pae, você precisa entrar com o seu jogo para que eu arranje um casamento rico. Em logar d'estes passeios, acompanhar-me ao *footing*, aos *dancings*, etc. etc...

— E'. Por essas e outras é que o *Labanca foi ao Gloria*...

MUSICA PARA TODOS

A Senhora Mathilde de Andrade offereceu aos seus admiradores uma encantadora tarde de arte, no Salão da Associação dos Empregados no Commercio. Mathilde de Andrade não dispõe de grande voz. Ao contrario, tem-n'a pequena, pequena em extensão, pequenina em volume, n'um terrivel contraste com o talento de quem a possue. Entretanto, mercê d'esse talento, quanta arte no seu phrasear, quanta emoção no seu sentir, quanto encanto no seu interpretar um Gretry, um Perilhou, um Schumann, um Dvorac, um Debussy, um Glauco Velasquez! Acompanhada pelo professor Luciano Gallet, Mathilde de Andrade desempenhou-se do seu programma, todo muito intelligentemente organisado, entre applausos da sala, que se achava completamente cheia de tudo quanto de mais representativo possue o nosso meio social e artistico.

✣

O 83º exercicio publico do Instituto de Musica nos deu ensejo a apreciar uma das mais pujantes provas da grande metamorphose por que vae passando o Instituto sob a direcção do Sr Fertin de Vasconcellos, actual director interino. Isoladas, as alumnas executantes, do publico, livres, o palco, o salão e as suas immediações da algazarra que caracterisava os antigos exercicios praticos, que, nem por terem tido logar no Theatro Municipal, ou no S. Pedro, ou no Salão do Club dos Diarios, deixaram de transformar-se em verdadeiros frejes, a execução do programma dava a todos a impressão de que aquelle exercicio constituia uma coisa absolutamente séria, inteiramente de accordo com os fóros officiaes do Instituto e com as exigencias do Regulamento respectivo. Tinha-se a impressão de uma coisa nova, nunca vista, uma novidade, e, entretanto, tratava-se do 83º Exercicio Publico! Para quem, como nós, se interessa pelo progresso da nossa arte musical, a vesperal passada valeu por um gratissimo conforto, porque demonstrou que o nivel moral do Instituto de Musica começa a erguer-se, tudo fazendo crer que, muito breve, tenha attingido o logar que lhe compete, como estabelecimento official que todos devem acatar e respeitar, para que elle possa, com proveito, cumprir a missão que lhe foi confiada. Claro está que, da execução do programma, não se encarregaram artistas, mas sim alumnas. Umas de mais, outras de menos talento, umas de mais, outras de menos accentuado temperamento, umas de mais outras de menos franqueza deante do publico, todas e as, entretanto, prestaram o seu concurso e conquistaram os seus applausos. Da professora Nicia Silva apresentaram-se as senhorinhas Aurora Vieira e Olga Clemente Pinto; do professor Carlos de Carvalho, as senhorinhas Emerita Bonte, Alice Polonia e Maria de Lourdes Garetta; do professor Humberto Milano, as senhorinhas Yolanda Machado Peixoto, bello temperamento que muito promette, e Julia Driesler; da professora Elvira Bello Lobo, a senhorinha Gilda dos Prazeres e os alumnos Manoel Barreira e João Souto Menor; do professor Bevilacqua, a senhorinha Margarida Bittencourt; do professor Jeronymo Queiroz, a senhorinha Maria Sophia Mathias; do professor Amabile, a senhorinha Odette Teixeira; e do professor J. Octaviano, a senhorinha Maria José Pinto.

Um lindo successo a vesperal de domingo, com a qual as futuras artistas de amanhã colheram os applausos sinceros ao seu estudo e ao seu talento.

B. QUADROS.

Professor Fertin de Vasconcellos, director actual do Instituto Nacional de Musica, no seu gabinete de trabalho.

✣

NO INSTITUTO DE MUSICA

C. B.

Se se quizesse fazer um concurso de belleza no Instituto, Sua Magestade a Mais Bella talvez estivesse alli, enchendo de encantos as aulas do professor Arnaud...

Sua Magestade C. B., a Rainha da Formosura, Rainha no porte, Rainha na seducção, Rainha pela graça que d'ella emana como um perfume embriagador!

Tudo n'ella é harmonicamente bello, esteticamente perfeito. E, se como alumna cursa apenas o 1º anno de Harmonia, como Bellesa ostenta a medalha de ouro de um primeiro premio...

Quando ella passa, tem-se a impressão de que passa a propria Bellesa.

E é por isso que todos lhe rendem as devidas homenagens, proclamando-a como Sua Magestade a Zézé Leone do Instituto...

MI-MI.

O Professor Luciano Gallet com os seus discipulos, que se fizeram applaudir n'uma bella audição, no Instituto Nacional de Musica.

■ ■ ■

Toda paixão é uma verdadeira conjuração de que o sentimento é, ao mesmo tempo, o responsavel, o delator e o objecto — RIVAROL.

Na festa de anniversario da pequenina e linda Heloisa, filha do Dr. Flavio Porto

UMA FOLHA

A mulher é mais forte que o somno e menos que o tedio... Mas só um artista *tem vigilias como esta.*

✣

Engraçado! Quasi todos os males de espirito são de causa material.

✣

Os homens mudam de deuses e os deuses de nome...

Heloisa e as suas amisades, á hora dos doces...

Quando dou esmola, fico humilhado. Pareço sentimental... Ou então acho que o sentimentalismo é a força... Fico vaidoso.

✣

A projecção da idéa nas coisas é a sombra do corpo.

✣

E' um engano! Um ironista *leva a serio suas ironias...*

LIMA DA ROCHA.

Recepção do Sr. Ministro Arizaga, commemorativa do anniversario da Independencia do Equador.

A pagina do Snobinetto

ENTRE ELLES E ELLAS

A figurinha irrequieta e loura de Melle tem algo de Mae Murray, a estonteante e perturbadora "star". Os seus vinte annos exuberantes brilham e riem em sua cabelleira ensoleillée, *em sua bocca ingenua e* charme *como polpa de fructa e em seus grandes olhos levemente* a fleur de tête, *como avidos e curiosos de toda a fascinação da vida. Por isso, mais flagrante ainda o contraste da terrivel* fraulein *que a acompanha, rigida e severa como uma antiga* duegne *de infanta hespanhola. Melle não a tolera. Sobretudo agora, pois amando com toda a inexperiencia de seu joven coração um sympathico e conhecidissimo rapaz, ella vê augmentarem cada vez mais os talentos de* argus *da velha governante, em constante espreita de seus minimos gestos ou palavras. Contentava-se pois Melle em avistar apenas de relance o perfil romantico de seu apaixonado na fuga rapida d'uma elegante baratinha ou em repetir a sós as cinco lettras de seu nome, amado desde a infancia por todas as cabecinhas que fez sonhar o meigo Bernardin de Saint Pierre. Mas, um dia, Melle jurou vingar-se. E conseguiu-o lindamente. Como poude trahir Melle a vigilancia da terrivel* fraulein *é o que não sabemos. Temos certesa porém que teve Melle uma hora de encantadora palestra com o seu enamorado, confessando ambos o seu mutuo carinho e dando-lhe mesmo um delicioso remate de* film *americano. Fica pois provado que não se tem impunemente uma carinha semelhante á de Mae Murray, a estonteante e perturbadora "star" e que assim se póde com mais facilidade tomar inteira* revanche *de uma velha* fraulein *vigilante.*

Recem-chegado dos pampas revoltosos, vem elle tambem revolucionando os corações de algumas cariocas com o seu typo forte de adolescente meridional e o seu nome sonoro, qual o d'um heróe do Décaméron. Entre todas, porém, acha-se mais sinceramente touchée *a encantadora creatura, que de preferencia elle escolhe como par em todos os saraus e chás-dançantes. E Melle nelle parece acreditar* piamente. *Mas, cuidado Melle; talvez seja melhor duvidar um pouco de suas amaveis palavras de galanteria. Feche os ouvidos ás declarações apaixonadas que elle faz com tanta frequencia e combata a sua credulidade, peculiar a todas as creaturas baptisadas como Melle do lindo nome da heroina mais ingenua e mais infeliz de Goethe. Aqui fica pois, o* avertissement.

Conheciamos Mme de ha muito, não sabendo o que mais admirar, se a sua bellesa esplendida, a sua elegancia requintada ou o seu espirito pétillant. *Digo* pétillant, *porque a* causerie *de Mme tem qualquer coisa d'um brilhante fogo de artificio que scintilla, esfuzia, e deslumbra, sempre originaes e novos os seus conceitos e curiosas todas as suas apreciações. E' assim que com verdadeiro prazer ouve-se o espirito febril e saltitante de Mme* effleurer *todos os assumptos, desde os mais graves aos mais frivolos. Vi-a já commentar com a mesma intensa verve um tercetto de Dante, uma caricatura de Albert Guillaume, uma operação de appendicite, uma these de peça franceza, uma* toilette *e uma receita de* plum-pudding. *O que não tinha visto, no emtanto, era discorrer Mme sobre a emancipação da mulher. Vi um dia d'estes e por que não dizer? pasmei. Pois o feminismo, por que se batiam os labios, tão femininos e coloridos a Dorin, de Madame, não era o feminismo suave que reclama apenas e com justiça os seus direitos, como tão bem o comprehendeu Ibsen; mas um feminismo quasi de* suffragette: *Madame faz questão de votar. E emquanto crescia a exaltação encantadora de Madame, eu seguia distrahidamente os zig-zags em fios de prata do lindo barretesinho de velludo preto, que* emboitait *adoravelmente o seu* minois *á Greuze. E d'essa contemplação, francamente, deduzi que Madame deve optar entre o direito do voto e seu delicioso* Lewis en velours noir. *Um e outro positivamente não vão juntos. Idéas semelhantes em geral não são* couvées *sob um tão perturbador chapeusinho. E Madame tendo que escolher entre uma coisa ou outra, preferirá de certo guardar o lindo barrete que lhe vae á* ravir. *Com toda a razão, porque é de facto um verdadeiro* petit chef-d'œuvre.

MUNDANISMO

Innumeras foram as pessoas que cumprimentaram pessoalmente, por cartões ou telegrammas, o illustre Ministro das Relações Exteriores, a 2 de Agosto ultimo, data de seu natalicio. A' noite, abriu-se o palacete da Rua Mariz e Barros para uma soirée *intima. Secundada por Ignezita, a filhinha mais velha do casal, recebia Mme Felix Pacheco os amigos e admiradores de seu dignissimo esposo com a gentilesa e fidalguia do costume. Ahi vimos, por entre os graciosos salões, onde floriam bellissimas e custosas* corbeilles *as senhoras: Armando Burlamaqui, Edmundo Veiga, Sebastião Sampaio, Joaquim Eulalio, Julio Barbosa, Brito e Cunha, Odette Gasparoni e os senhores Senador Azeredo, consul Antonio Bastos, consul Joaquim Eulalio, ministro Castello Branco Clark, consul Sebastião Sampaio, Dr. Acyr Paes, Dr. Brito e Cunha, Magalhães de Almeida e muitos outras pessoas que nos foi impossivel annotar.*

N'uma das ultimas tardes do mez de Julho, reuniu a graciosissima Mme Dias Vieira um lindo bouquet *de amigas encantadoras para um chá intimo, que correu interessante e animado. Na adoravel* maisonnette *da Rua da Passagem, impregnada do* charme exquis *de sua dona, flor de elegancia e de bom gosto, encontrámos tambem a Senhora Santos Lobo elegantissima, em sua* toilette *negra de grande golla Berthe em tom* écru *e cinto de rosas* fraise. *Mme Teixeira Marques, fragil como uma porcellana na sua* toilette *d'un vert uni onde sobresahia apenas formosissimo broche feito d'uma enorme esmeralda e preso ao hombro á maneira d'um* cabochon; *Mme Sophia de Azevedo Nobre, com a mesma attracção antiga dos grandes olhos fascinantes e mais esbelta no seu vestido de* crêpe *marroquino* beige; *Mme Arthur Moss, fina e aristocratica como uma* lady *sob a cabelleira prateada, e Melle Gasparoni,* toute en gris. *Presentes vimos tambem os senhores Santos Lobo, Emilio de Barros, Alvaro Teffé, e Raymundo Castro Maya. Após o* luncheon, *Mme Dias Vieira, a pedido de umas gentilissimas argentinas suas convidadas, recitou lindamente versos de Rostand, de Paul de Geraldy e do Visconde de Monsaraz, que foram vivamente applaudidos e apreciados. E foi com verdadeiro* regret *que se separou o lindo grupo, reunido por umas horas deliciosas e bem depressa fugidas.*

Promette ser encantador o jantar de hoje no Jockey Club.

Com o nome lindo de festa das Violettas, resolveu a directoria do Club attrahir n'esse dia aos seus salões todas as exquisitas flores humanas de nossa formosa cidade.

As mesas serão ornamentadas, a exemplo do que annualmente se faz no Geizarah Palace do Cairo de violettas brancas, mauves *e roxas, n'uma delicada e harmoniosa combinação. E tudo será de certo* plein de charme *n'aquelle ambiente de elegancia e distincção.*

S N O B I N E T T E

Cinema Para todos...

Chronica

OS NOSSOS CINEMAS

Em breves dias serão iniciadas nos terrenos do antigo convento da Ajuda as obras de construcção do theatro-cinema de propriedade da Companhia Brasil Cinematographica. Constará o novo estabelecimento de dois salões, cada um com capacidade para mil e oitocentos espectadores. Um d'elles é destinado exclusivamente a exhibições de films, possuindo o outro um palco em que numeros de variedade podem servir de complemento ao espectaculo.

Perto d'esse novo cinema Odeon, um consorcio de capitalistas, de que faz parte o Sr. Rocha Miranda, dispõe de dois terrenos em que se diz vão ser levantadas outras casas para exhibição de films; mais adeante ainda os Srs. Ferrez & Irmão projectam edificar tambem o seu Pathé.

Vae-se pois encaminhando o nosso commercio cinematographico para o unico caminho capaz de lhe proporcionar compensadores lucros, pois só com os salões de grande capacidade torna-se possivel a exhibição aos preços actuaes das grandes producções cinematographicas, de dia para dia mais caras, especialmente para nós, com o cambio aviltado como presentemente temos.

E' uma victoria do Para todos..., *força é confessal-o, a construcção d'essas novas casas. A nossa campanha contra os pequenos estabelecimentos da Avenida Rio Branco data dos primeiros numeros d'esta revista. Muita gente, a principio, quiz n'ella enxergar apenas um processo de ataque aos nossos cinematographistas.*

As verdades que então proferiamos eram levadas á conta de nossa má vontade.

O tempo se encarregou de justificar as nossas asserções.

O custo dos films aggravou-se consideravelmente e as ferias por isso mesmo ameaçaram a minguar deante das despesas majoradas.

Não era mais possivel augmentar os preços, sob pena de ver escassear a clientela.

A solução aconselhada por nós se impunha urgentemente. Vão surgir casas agora com capacidade sufficiente para a sua exploração economica, com capacidade sufficiente para compensar a majoração das despesas.

E' uma boa noticia para os nossos leitores, cujos queixumes cada dia escutamos atravez de sua correspondencia, queixumes contra o acanhamento dos salões que lhes sacrificam a commodidade e fazem perder 50 °|° do valor do film por sua projecção imperfeita e apressada.

Evidentemente já ha quem se interesse por esse ramo de commercio e se disponha a n'elle arriscar capitaes.

Que não se demorem as construcções promettidas. O Rio não póde nesse particular ficar aquem de S. Paulo, que já conta excellentes salões e em breves dias tel-os-ha magnificos, comparaveis aos melhores do extrangeiro.

Por casualidade omittimos na chronica passada o endereço do Alice Calhoun Club, *o que nos apressamos a fornecel-o immediatamente*: Box 35 - Hollywood.

OPERADOR.

A NOSSA CAPA

(Desenho de Gastão Mello Alves, especial para o "Para todos...")

KENNETH HARLAN é uma das figuras sympatheticas e queridas do cinema.

Como galã tem figurado ao lado de um numero consideravel de artistas e em todas as fabricas.

Nasceu em New York, no anno de 1895 mede 1 metro e 80 e pesa 79 kilos.

Divorciado duas vezes e agora noivo de Marie Prevost...

No proximo numero: LOUISE HUFF.

☆ ☆ ☆

Ashes of Vengeance, film de Norma Talmadge para a First National, ficou colossal e affirmam, os que já o viram, que é o maior film d'esta artista. O galã é Conway Tearle. Josephine Crowell toma parte no mesmo papel que interpretou em *Intolerancia* — o de Catharina de Medicis. Os outros artistas são Betty Francisco, Claire Mac Dowell, William Clifford, Hector V. Sarno, Earl Schenck, Courtenay Foote e outros.

☆ ☆ ☆

Com Baby Peggy em *Whose Baby are you?*, primeiro grande film da minuscula *estrella*, trabalham Gladys Brockwell, Shedon Lewis (marido de Virginia Pearson), Max Davidson, Frank Currier, Betty Francisco e Carl Stockdale. O director é King Baggott.

☆ ☆ ☆

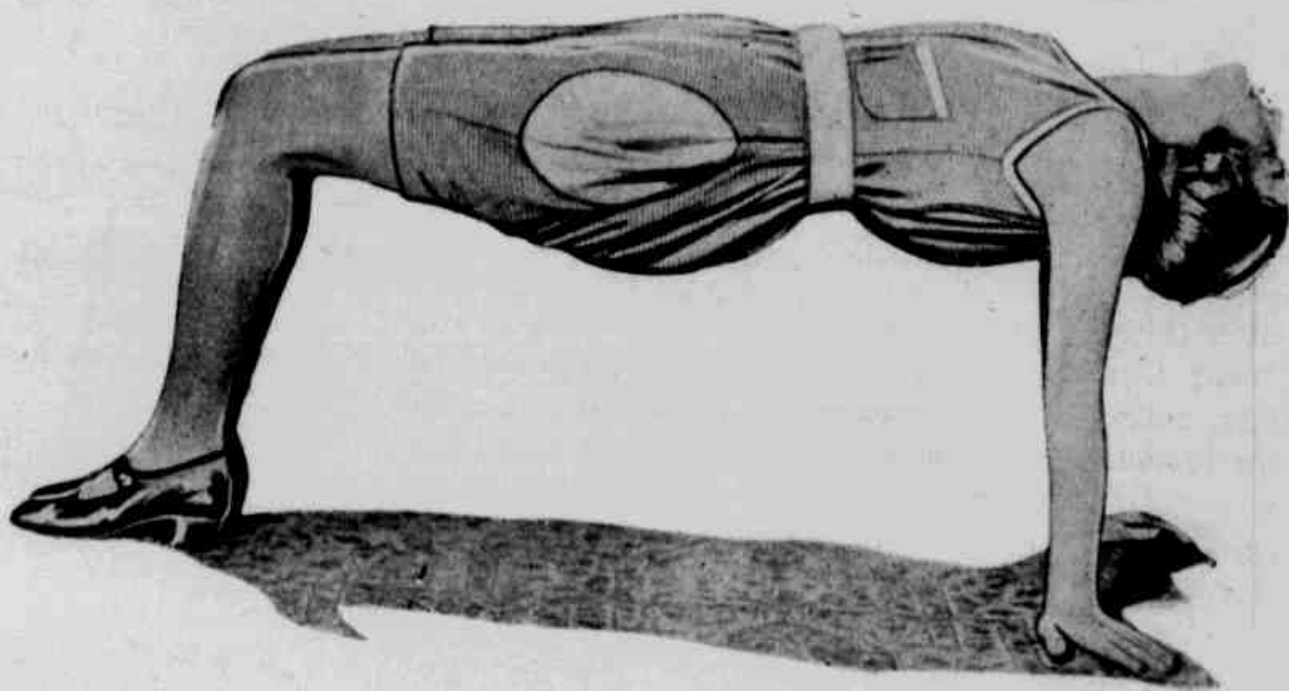
A Preferred Pictures contractou Clara Borr, artista que com 18 annos apenas está fazendo brilhante carreira na scena muda, vencedora de um concurso de belleza em 1921. Será *Maytinne* o seu primeiro film para essa empreza, scenario de Olga Printzlau.

☆ ☆ ☆

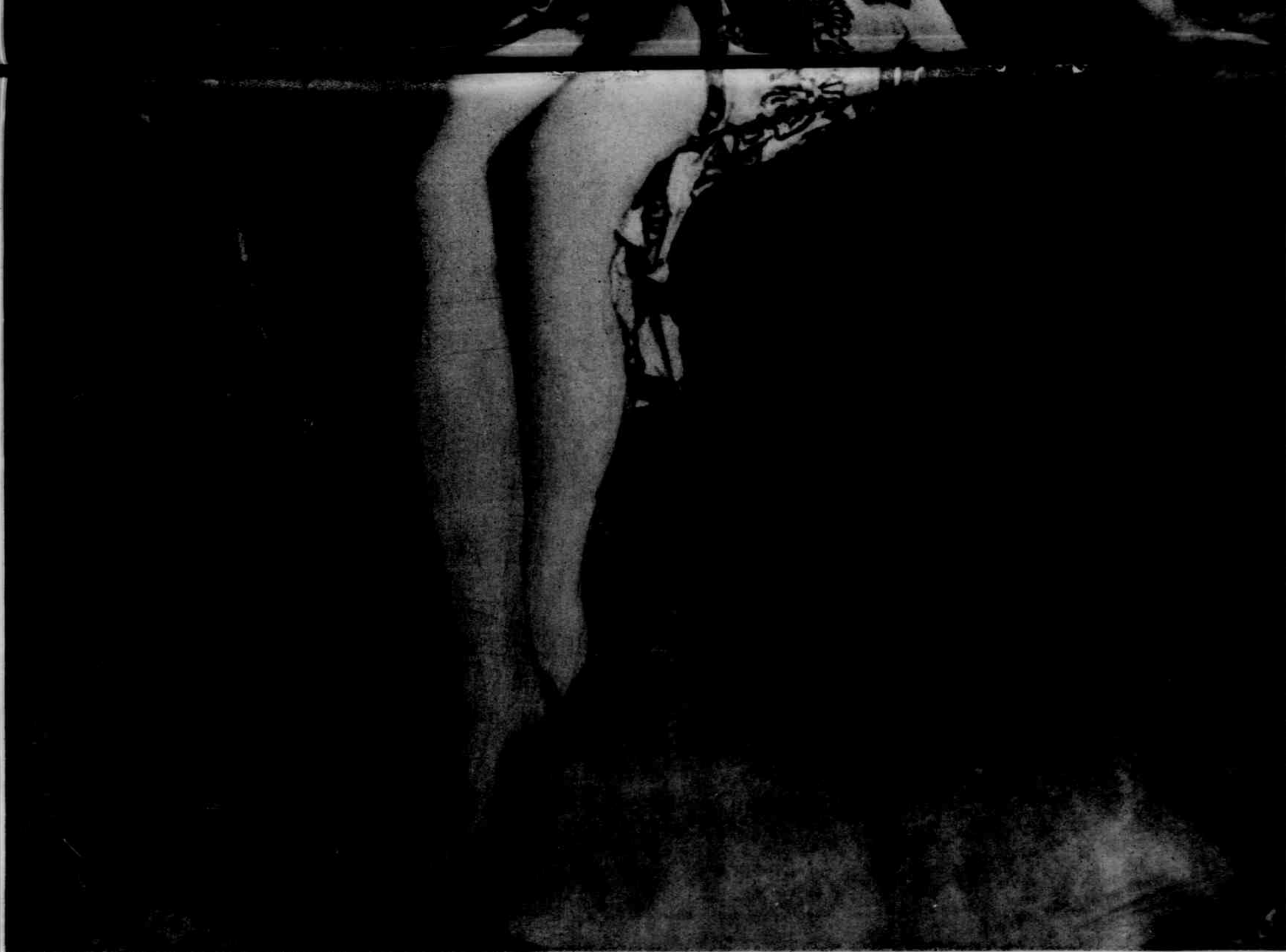
The Wild Party é um novo film de Gladys Walton, em que ao seu lado figuram Edward Burns, Esther Ralston, Freeman Word, Joseph Girard e Lewis Sargent.

O REGIMEN DAS MOÇAS BONITAS

Essas *girls* norte-americanas, que tanto encantam os nossos olhos quando a sua figurinha gracil é projectada na tela do cinema, devem grande parte das galas que as adornam aos exercicios physicos que praticam diariamente, constantemente, sem que a temperatura, as occupações ou a preguiça lhes estorvem esse culto á saude.

Dorothy Mackaill, a gentil artista que figura n'esta pagina e que acaba de triumphar nos Estados Unidos *posando* em um film da First National, *Mighty Lak' a Rose*, é uma das deliciosas *girls* das famosas *Ziegfeld's Follies*, em que só entram bellesas perfeitas. Dançarina

encantadora, ella diz que só mantém a sua saude e a sua belleza graças á pratica systematica do exercicio physico.

— Posso deixar de almoçar um dia, por falta de tempo, mas os dez minutos que consagro ao *sport* para conservar a flexibilidade dos meus musculos e a integridade de minha saude, esses coisa alguma m'os fará esquecer.

Os exercicios a que se entrega Miss Mackaill e que ella declara deverem ser praticados por todas as moças, são facilmente suggeridos pelas photographias que apparecem n'esta pagina.

ROSITA RODRIGO, 1.ª TIPLE CANTANTE DA COMPANHIA VELASCO, EM PLENO EXITO NO S. PEDRO

Little Old New York, film da Cosmopolitan-Goldwyn, foi sympathicamente acolhido pela critica. Eis algumas opiniões:

"O film é muitissimo interessante, admiravelmente photographado e Marion Davies é simplesmente irresistivel."

"Nenhum film nos deliciou tanto como *Little Old New York. E' um triumpho.*"

"Versão cinematographica de uma historia popular e soberba. Marion Davies, ideal no seu papel. E' melhor do que *Knighthood*. Depois de se ver *Little Old New York* é que se vê do que a America é capaz no cinema."

☆ ☆ ☆

Richard Talmadge, o actor athleta já tão querido do nosso publico, acaba de firmar um contracto com a Truart.

☆ ☆ ☆

Billie Rhodes fará uma serie de comedias de grande metragem para a Grand-Asher Distributing Corporation. Ben Wilson dirigirá. Esta amisade de longa data, entre estes dois, faz desconfiar...

☆ ☆ ☆

Tom Sanstchi, Pat Hartigan, Cyril Chadwick e Owen Gorine, outro artista importado da Europa, coadjuvam Priscilla Dean em *The storm's daughter*.

Arthur Edmund Carewe, o conhecido e talvez o unico actor armenio, o inesquecivel interprete do "Principe Hagane", do "Halito dos deuses", em todas as phases do seu trabalho de caracterisação para o papel de Svengali *do film "Trilby", baseado na famosa obra classica franceza de Maurier que a First National está filmando sob a direcção de Richard Walton Tully e tendo Andrée Lafayette como protagonista. Foi considerado um dos mais difficeis, valiosos e mais demorados* make-ups *do cinema!*

A CONQUISTA D'UMA MULHER

Mary não tencionava ir para casa n'aquelle momento em que, terminado o trabalho da loja, ella se despedia das suas companheiras, mas com alguns nickeis apenas no bolso uma rapariga não terá muito logar á sua escolha para passar a noite. Mas isso era o menos, o essencial estava em separar-se de seu pae, que vivia entre adulações e ameaças para arrancar dos seus magros salarios o necessario para se embriagar. E como n'aquella manhã ambos os processos falhassem, George Manchester a avisara de que venderia o cachorrinho da filha. E com certesa cumprira a ameaça, porque Mary não encontrou o seu animalzinho quando viera para o almoço.

Rua acima Mary caminhava absorvida nas suas preoccupações domesticas, sem suspeitar que medindo seus passos pelos d'ella, dois homens a acompanhavam, absolutamente interessados no objecto da sua perseguição. Ao voltar de uma esquina, porém, a rapariga percebeu a guarda de honra e, embora o aspecto dos homens — bem apessoados e apparentando quarenta annos — não os denunciasse como caçadores de aventuras, ella apertou os passos, procurando subtrahir-se á escolta que nada lhe agradava. Os individuos perceberam o gesto de Mary, e um d'elles adeantou-se, descobrindo-se:

— Espero que me perdoareis a minha ousadia, desculpou-se elle, mas é de muita importancia que eu e meu amigo tenhamos alguns minutos de palestra comvosco. Trata-se estrictamente de negocio e estou certo que nos concedereis uma entevista.

Dez minutos depois Mary sentava-se com os dois desconhecidos n'uma casa de chá da Quinta Avenida e ouviu a extraordinaria proposta. Fallava o homem que a abordara:

— A proposta que vos fazemos provém da extraordinaria parecença que tendes com a esposa do Sr. Rutherford, disse elle designando o amigo. E o caso é o seguinte: A Sra. Rutherford está a morrer. Sua fortuna de sessenta milhões de dollars está toda na *Gorgas Trust Company*, de que sou presidente. A sua morte representa a retirada d'esse dinheiro, o que, por certas circumstancias, significa a ruina da empresa. Queremos que tomeis a personalidade da Sra. Rutherford. Vivereis como ella vivia — luxuosamente, mas um tanto reclusa por algum tempo a pretexto de convalescença, artimanha esta que vos evitará a companhia das amigas da Sra. Rutherford. A combinação não durará muito — apenas o sufficiente para arranjarmos os nossos negocios. Então podereis partir, gratificada com dez mil dollars. Que dizeis ?

— Dez mil dollars ! repetiu Mary, como se sonhasse.

— Sim, dez mil dollars, confirmou Haig, percebendo que o negocio estava concluido.

Em seguida o homem lhe recommendou absoluta discreção e offereceu-lhe dinheiro, se ella precisava.

Ora se precisava, mas tinha uma condição a impor: queria que descobrissem o seu cãosinho e uma pelle de *zibeline* russa.

Vendo os horisontes de *chance*, que se rasgavam deante d'ella, Mary pensou no seu companheirinho e no grande desejo da sua vaidade de mulher — um manto de *zibeline*.

— Sim, terás tudo, affirmou-lhe Haig, dando-lhe um punhado de cedulas, ao se levantarem da mesa.

De sorte, que alguns dias mais tarde, Mary acreditou-se heroina de um conto de fadas, quando ao despertar pela manhã encontrou-se no luxuoso aposento, recamado de azul e marfim como um escrinio de joia preciosa. Sua vida social era restricta, consistindo de passeios no carro fechado da Sra. Rutherford, de algumas escapadas aos theatros da outra margem, onde não havia perigo de encontro com os velhos amigos; mas ainda assim ella se sentia satisfeita em representar de grande dama a dirigir a creadagem numerosa, que

(HELD IN TRUST)

Film da Metro :: :: *Producção de* 1920

DISTRIBUIÇÃO

Mary Manchester......	May Allison
Stanford Gorgas.......	Darrell Foss
Hasbronck Rutherford..	Walter Long
Jasper Haig...........	John H. Elliott
Dr. Babrock..........	Lawrence Grant
Dr. David Kirkland...	G. Burnell Manly

fôra toda mudada com a morte da Sra. Rutherford.

De resto, a sua queridinha *Glad* havia sido encontrada e com a *zibeline* pendurada no guarda-vestidos e os dez mil dollars depositados no banco em seu nome, de nada mais precisava Mary. E a nova Sra. Rutherford contentava seus amigos com cartões em que lhes annunciava o seu restabelecimento milagroso e que dentro em breve teria o prazer de recebel-os novamente.

Havia, porém, alguem que não acreditava nesse restabelecimento, e esse era o Dr. Kirkland, que fôra chamado para vel-a durante a sua molestia. E a noticia foi-lhe levada por Stanford Gorgas, irmão da Sra. Rutherford, que lhe dizia contente haver o seu cunhado declarado mesmo que a sua esposa com o abalo provocado pela molestia soffrera physicamente uma modificação para melhor.

— E tu pudeste vel-a? perguntou o Dr. Kirkland com interesse.

Não, Stanford não vira a irmã, e por certo não a veria tão depressa, pois Rutherford affirma que antes de muitos mezes ainda ella não estaria bastante forte para supportar a commoção de ver mesmo as pessoas de sua familia. E como á medida que fallava Stanford Gorgas notasse uma expressão exquisita no rosto do amigo, indagou:

— Mas afinal, por que fazes esta cara?

— Sabes, Stanford, replicou o outro, que nunca approvei a escolha de marido que fez tua irmã; estou certo que ha nisso mais do que sentimento de

— Tendes gosado da situação...

profunda antipathia pessoal, mas o que provoca essa "cara", é, digamos, o conhecimento da molestia fatal que atacou a Sra. Rutherford e que me faz duvidar da possibilidade mesmo de um restabelecimento temporario.

— Quer dizer?... indagou Stanford, tomado de subito e vago temor.

E o Dr. Kirkland explicou então com claresa todo o seu pensamento. Quem herdaria por morte da Sra. Rutherford?

Dizia-se que Rutherford havia soffrido grandes perdas na Bolsa e estava sem vintem da sua fortuna pessoal. Não seria possivel que elle estivesse occultando a morte da mulher para gosar dos haveres d'ella?

— Não acredito na verosimilhança da tua hypothese, Kirkland, em todo caso tratarei de investigar, sem despertar suspeitas em Rutherford, observou Stanford.

Muitos dias se passaram antes que o rapaz conseguisse penetrar nos aposentos de sua irmã. Sempre com uma evasiva o creado barrava-lhe a entrada. Mas a opportunidade por elle forçada chegou afinal e Stanford, graças a um *passe-partout*, achou-se dentro da praça. Lá estava no quarto sua irmã, uma creatura, e Stanford observou-a atravez da porta que se conservava aberta. A mulher dava costas para elle, porém como ella estivesse deante do espelho, Stanford via-lhe perfeitamente o rosto: não havia duvida era uma encarnação da irmã.

— Que alegria ver que estás melhor, querida irmã, disse elle avançando.

A mulher voltou-se e o rapaz não teve mais hesitações: aquella creatura lhe era perfeitamente extranha.

Mary reconheceu no recem-chegado o rapaz cuja photographia armava a mesa de *toilette* de que ella se servia e achou que o melhor partido seria responder com lealdade ás interrogações formuladas pelo rapaz. Mary concordava que as suas ambições de luxo houvessem concorrido como incentivo para que ella acceitasse a proposta, mas assegurava-lhe que mesmo assim não teria se prestado á substituição, se isso não fosse, como lhe affirmaram Rutherford e o amigo, para salvar os pequenos depositantes da *Gorgas Trust*

... viu o cunhado sahir...

(*Termina no fim da revista*).

PRINCESA DOS MENINOS

Se visseis aquelle menino, muito correcto nas suas calcinhas brancas e jaqueta preta sobre a qual alvejava a golla branca bordada, subindo a escada d'aquella casa de estylo antigo e encantadora, dirieis: "Alli vae um bom menino!" Puro engano. O que realmente galgava os degraus da velha habitação era um indomavel e valente pirata, de espada e pistola á cinta, camisa de baeta vermelha, botas até os joelhos e olhar feroz na face dura. Se não comprehendeis a magica metamorphose é que nunca fostes creança e nunca passastes algumas horas n'um velho subterraneo, onde, com alguns companheiros da vossa edade, representastes um bando de perigosos ladrões, ligados por um juramento terrivel de "a viver e morrer". Se nunca brincastes de pirata e ladrão na vossa infancia, por certo não avaliareis o que representa para a imaginação de um menino a emoção das aventuras.

Huck Finn — como lhe chamavam os companheiros — entrava em casa com o espirito povoado de navios, pavilhões negros, canhões e cutellos, quando ouviu pronunciar o seu nome. Parou, olhou em torno e viu um vulto sahir de uma moita no jardim e encaminhar-se para elle. O menino esperou, e o individuo maltrapilho e desalinhado pegou-lhe no braço e perguntou:

— Tu tens dinheiro?

— Tenho uma prata, respondeu o menino; mas deixe meu braço, que o senhor está me machucando.

— Não quero saber de pratas, retrucou o homem. Tu e teu companheiro acharam ha pouco n'uma adega muito dinheiro; onde está elle?

O menino respondeu que o juiz Tatcher o tinha posto na Caixa Economica.

O individuo teve uma contracção de aborrecimento no rosto e disse:

— Olha, eu sou teu pae, e quero a parte que me pertence. Se não arranjares isso, vae haver barulho.

Mas de cima da porta uma voz interrogou:

— Que é o que Huck tem de arranjar?

O homem levantou os olhos e viu uma figura respeitavel e encanecida a descer lentamente os poucos degraus. O individuo fez um movimento de recuo, mas, n'um esforço, volveu para o recem-chegado, perguntando-lhe quem era aquelle menino

— E' filho adoptivo da viuva Douglas, respondeu o ancião, olhando severamente o patife. O pae d'elle abandonou sua mãe ha dose annos. Esta morreu e a Sra. Douglas o adoptou. E eu não aconselharia ninguem a se intrometter no caso.

— Mas elle não podia ser legalmente adoptado sem o meu consentimento, replicou o typo. Posso provar que sou seu pae.

— E eu posso provar muitas coisas a seu respeito, e seria difficil que você cumprisse a sua pena antes que elle tivesse a edade sufficiente para dispor dos seus haveres.

Deante do argumento irretorquivel, o pária achou prudente bater em retirada.

Quando elle desappareceu, Huck fallou ao velho juiz que tinha vindo perguntar se elle não podia ter um revólver. Tom era da sua edade e já possuia um.

O juiz pigarreou, pareceu pensar um pouco e depois declarou que a Sra. Douglas podia ter uma crise de nervos se elle dissesse sim. Em todo caso ia ver, ia fallar-lhe.

Effectivamente, o bondoso juiz abordou a Sra. Douglas sobre o grave assumpto e a difficulldades que elle ima-

(HUCKLEBERRY FINN)

Film Paramount — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO

Huckleberry Finn..	Lewis Sargent
Viuva Douglas......	Kathlyn Griffith
Miss Watson.......	Martha Mattox
O pae de Huckleberry	Frank Lanning
O Duque..........	Orral Humphrey
O Rei.............	Tom D. Bates
Tom Sawyer.......	Gordon Griffith
Tia Polly..........	Edythe Chapman
Becky Tatcher......	Thelma Salter

ginava encontrar surgiram realmente. A dama mostrava-se alarmada com os desastres que o seu espirito timorato previa na hypothese de Huck dispor de uma arma. Elle acabaria ferindo-se a si proprio e todos os seus companheiros.

— Oh ! nunca mais poderei dormir tranquilla, concluia ella n'uma grande consternação.

— Os accidentes não acontecem aos rapazes que têm armas, disse o juiz, procurando serenal-a, mas sim áquelles que nunca tocaram n'uma pistola ou espingarda. De resto, a senhora poderá dormir, porque não é quando a gente está dormindo que as coisas acontecem.

Mas o juiz enganava-se redondamente. Porque foi justamente quando a Sra. Douglas e elle proprio dormiam a somno solto, que alguma coisa se passou, sendo Huck o unico a despertar. Elle teria acordado toda a aldeia, quando se viu junto de si aquelle vulto horripilante; mas como ousar um gesto, uma palavra, deante da intimação ameaçadora:

— Anda, vem commigo ! Se gritas mato-te !...

Assim, o pobre Huck foi arrancado do conforto do seu leito, emquanto sua mãe adoptiva dormia tranquillamente.

Meia hora depois de caminhada pela estrada deserta, acabou restituindo Huck á realidade dos acontecimentos. "Afinal de contas elle não ha de matar o seu filho, pensou elle, e na primeira occasião eu fujo e corro para casa!"

Tranquillisado por essa esperança, o pequeno acompanhou o homem na marcha nocturna; mas ao clarear da manhã, quando chegaram á margem do rio e Huck viu um bote que alli parecia esperal-os, sentiu uma grande decepção, vendo que de um bote não lhe seria possivel fugir com a facilidade que sua imaginação deliberava. E rio abaixo o bote deslisou todo um dia e uma noite, até que, finalmente, chegou ao termo da viagem. Remando para a banqueta do rio, o homem empurrou o pequeno para fóra da embarcação e o levou para uma cabana, cuja apparencia, se era miseravel por fóra, por dentro era mais do que desoladora, para quem, como elle, tivera a sua infancia cercada de todo o conforto e bem estar.

N'aquelle antro primitivo, apenas dois ou tres bancos toscos, um fogão de terra, uma prateleira e alguns pratos de folha sujos e enferrujados. De cama, nem signal. Foi em pleno chão que o homem se estirou, dizendo ao menino que ia dormir e não queria ser incommodado. Huck, cançado, moido, fez o mesmo e só despertou no dia seguinte, quando sentiu as garras de ferro do malandro a sacudil-o violentamente.

Como café da manhã, o pobre Huck teve o seu corpinho maltratado a pancadas do bruto, que, depois de havel-o surrado á satisfação dos seus instinctos, apanhou uma faca, declarando que ia acabar de vez com aquella historia.

Huck estremeceu, mas, intelligencia viva e sagaz, não perdeu a presença de espirito. De resto, devido ás costumadas representações de piratas e bandidos com os seus companheiros, não lhe eram desconhecidos os meios de tratar com essa gente. Dominando o seu pavor, elle fallou com certa precipitação na voz:

— Não sei como o senhor vae fazer depois para apanhar o meu dinheiro. Se eu morrer o senhor póde recebel-o ?

O bandido deixou cahir o braço e olhou para o rapaz com ar meio estupido. Huck continuou, respondendo á interrogação do individuo:

— Digo que o senhor precisa que eu esteja vivo, para poder entrar no dinheiro. Nós dois podemos trabalhar o juiz para apanharmos parte do dinheiro. Restituindo-me ao juiz é que posso fazer que elle seja seu amigo.

— Menino, observou o homem, com enfatuação, tu és, na verdade, intelligente, e foi de mim e não de tua mãe que herdaste esta qualidade. Vou pensar sobre o caso alguns dias, mas emquanto isso, nada de velhacarias

(*Termina no fim da revista*)

Huck era um bom menino... puro engano...

ALVORECER DO OUTOMNO

Póde uma artista construir um lar ? A questão é controvertida, e a maioria, por certo, não se encontra com os que respondem pela affirmativa.

Dessa maioria participavam naturalmente o duque d'Alva, o compositor Ruccini e o poeta Diaz, que áquella hora da noite esplendente de Milão gosavam da companhia da grande artista. Pudessem elles, entretanto, ler-lhe o pensamento e ficariam surprehendidos: junto d'elles estavam de facto a excelsa cantora, a magnifica Lisa Della Robbia, mas era só, porque a sua alma voara para longe, atravessara os mares, fugira nostalgica para o outro eu — Madame Gerald Fitzgerald e para Gerald, esposo e companheiro d'esse outro eu. "Meu [illegible] Gerald, tão sósinho, tão longe : vou mandar-lhe um telegramma", murmurou ella n'um suspiro.

Seus companheiros contemplavam-n'a cheios de admiração. Sim, decididamente, pensavam elles, só havia uma falha n'aquella creatura extraordinaria — extraordinaria pela sua bellesa e pela sua arte — possuir um marido. Que perfeita estupidez uma Della Robbia casar-se ! Seria curioso tambem conhecer-se a opinião do proprio marido sobre o assumpto. Que pensaria Fitzgerald ?

Oh ! Fitzgerald a essa mesma hora, do outro lado do Atlantico, esperava uma visita, que, aliaz, não se fez esperar, contra todas as regras e tradições de impontualidade que as filhas de Eva observam religiosamente. Mas Flora Preston foi pontual e Fitzgerald sentiu dobrado o seu contentamento — elle que, marido de uma artista famosa, passara a vida a esperar em vão sua mulher.

— Pobre querido amigo ! murmurou Flora em tom de carinhoso pesar, n'uma breve inspecção d'aquelle ambiente, onde era visivel a ausencia de mãos femininas. Que vida deves ter levado !...

— Horrivel, minha doce amiga ! gemeu Fitzgerald, enterrando-se mais na poltrona. Isto aqui é um porto abrigado de repouso. Não fazes idéa do que era a outra — de hotel em hotel, servindo de creado de cachorrinhos de luxo.

E a palestra continuou no mesmo assumpto, emquanto Mrs. Flora Preston executava com habilidade e graça as pequenas operações do chá *tête-a-tête*.

Lisa Della Robbia

Depois Flora lembrou :

— Creio que teu filho John adora a madrasta.

— Sim, respondeu o homem, mas elle é ainda muito creança e não será difficil fazel-o estimar-te em pouco tempo.

— E tua mulher ? Está ella disposta, consente ?

A questão provocou certa anciedade em Fitzgerald, mas elle explicou que havia escripto á esposa, dizendo-lhe que ella nada soffreria financeiramente se acceitasse o divorcio sem escandalo. Uma vez decidido o divorcio elle proveria ás necessidades da ex-esposa, que, embora fosse a artista mais bem paga do mundo, gastava sempre regularmente mais do que ganhava. E com esse esclarecimento, Fitzgerald enlaçou a mulher e ia beijal-a, quando a porta se abriu e John appareceu no limiar. A situação tornou-se embaraçosa e Fitzgerald explicou ao filho que Mrs. Preston lhe havia feito a honra de ser a sua futura esposa.

O menino espantou-se :

— Futura esposa ? ! exclamou elle. E a mamãe ? Ah ! não, elle não teria mãe numero dois, absolutamente.

Mas a discussão foi cortada com a apparição do creado, que annunciou a chegada do navio em que vinha Madame, e Mrs. Preston achou opportuno despedir-se.

Alguns minutos depois a guarda avançada de Madame — o doutor, o secretario, a aia, o cachorrinho, montanhas de malas de varias fórmas e tamanhos — fazia a sua entrada triumphal. E ante a invasão Gerald ordenou ao creado :

— Prepara a minha mala e despacha-a para o club.

Seguindo com pequeno intervallo a bagagem, Lisa chegou alegre e effusiva. Como estava grande o seu pequeno John ! Um homem quasi. Oh ! como ella se sentia feliz por ter voltado.

— E tu, meu querido Gerald, muitas saudades minhas ?...

— Sim, pois como não ? muitas saudades...

E começou ahi a explicação entre os dois esposos, queixando-se o marido da vida sem lar que levava e a sua necessidade sentimental e mental de pôr termo a tal situação.

Nas cartas do marido, Lisa percebera a situação, lera as allusões francas do marido a uma possivel alteração,

mas dera pouca importancia, acreditando que a sua presença concertaria tudo. A hora, porém, comprehendia que os acontecimentos haviam avançado demasiado e que deante de si estava o irremediavel.

Recalcando no intimo a sua decepção, Lisa pensou em attenuar o effeito, golpe imprevisto e rude ao seu orgulho declarando vir aquella solução ao encontro dos seus desejos, pois ella tambem desejava a sua liberdade, visto que encontrara alguem capaz de satisfazer os anceios de sua alma em que vibravam todas as emoções do romantismo.

Esse alguem era o duque d'Alva. Fitzgerald esboçou uma expressão de incredulidade, mas em todo caso declarou que resolvido a prover liberalmente á subsistencia da esposa divorciada, não estava disposto a comprar-lhe um duque — pois que este era um pobretão.

— Sentimento... mas tu já estás na casa dos trinta, minha cara, observou Gerald á Lisa que repellira a allusão ao dinheiro, dizendo tratar-se de puro amor. E quando Gerald partiu, a casa foi transformada n'uma especie de caixa de theatro ao levantar-se o panno em opera movimentada.

Lisa entrou em crise de nervos e os seus servidores voavam de um lado para outro, tontos, atarantados, sem saber o que fazer para impedir que o mundo viesse abaixo.

— Oh! elle me lacerou o coração! bradava Lisa. O que eu quero é apenas ser amada!

E por ligar importancia ao amor do marido, durante dois mezes a fio ella manteve a tactica de o não receber apesar de constancia com que elle procurava vel-a.

— Assim, pensava Lisa, avivarei mais a chamma do seu affecto.

E' de avaliar, pois, a extensão do seu

Quando Gerald veiu...

desapontamento quando o secretario lhe annunciou que a sentença do divorcio deveria ser pronunciada no proximo domingo. Lisa estarreceu.

— Seria possivel? E o seu desespero foi infinito.

John assistia ás angustias de sua madrasta e aconselhou-a a receber o pae, se ella na realidade o amava.

Quando Gerald veiu, Lisa recebeu-o e viu deante de si um outro Gerald bem differente do que ella conhecera, circumspecto, serio, tendo nos olhos as sombras de sonhos mortos. E Gerald pediu-lhe perdão do que fizera; reconhecia-se culpado, mas ella o levara áquelles extremos.

Lisa mostrou-se complacente mas reservada e impoz ao marido que viesse jantar com ella e trouxesse a outra dama.

Gerald quiz protestar, mas era agora um fascinado pela esposa e não teria forças para resistir aos desejos della. O momento seria decisivo?

Lisa sabia-o, mas a sua vontade de sahir victoriosa do confronto em que o juiz era o homem que a havia declarado "trintona", ella a affirmou no esmero com que procedeu á sua *toilette* para o jantar, appellando nesse proposito para o vestido de velludo preto, que realçaria a sua carnação, e não esquecendo as perolas que Gerald lhe dera de festas no Natal. E Lisa desmanchou-se em amabilidades, que deixavam a sua convidada senão desconfiada, pelo menos admirada. E no correr do jantar, agora a proposito das trufas preparadas como não se conheciam nos Estados Unidos, agora a proposito do *Chambertin* capitoso, Gerald ia trocando reminiscencias das suas viagens com Lisa, esquecendo completamente a presença de madame Preston.

Esta sentiu a falsidade da sua situação e alludiu ao "romance" de Lisa com o duque D'Alva de que Gerald lhe fallara, mas Lisa no tom mais sincero e ingenuo declarou não perceber a que alludia Flora.

Precisamente nesse instante o seu secretario veiu annunciar-lhe que o agente theatral havia telephonado, perguntando se ella assignaria o contracto para a *tournée* na America do Sul e que o navio partia na manhã seguinte. Lisa respondeu que sim e mostrando grande alegria bebeu á saude de seu marido e sua futura esposa. Pouco depois terminava o jantar e como Flora Preston se retirasse, Lisa perguntou-lhe se ella não se aborrecia de Gerald ficar

— Eu me farei lembrar de vós...

Não esquecendo as perolas...

um pouco mais; ella desejava fallar-lhe a respeito de John. Quando a porta se fechou sobre a senhora Preston Gerald respirou involuntariamente como quem se desopprime de um peso e foi sentar-se ao lado de Lisa, no sofá. Houve um prolongado silencio entre ambos. Afinal Gerald, querendo talvez dizer outra coisa, não soube senão fallar na futura situação de Lisa, quando o divorcio se effectivasse.

— Oh! mas não hei de consentir que pagues as minhas contas. Gerald sentiu-se positivamente *gênê* e fez menção de levantar-se. Lisa deteve-o:

— E não tens nada mais para me dizer? interrogou ella.

— Dizer adeus ao sentimentalismo, á mocidade, á ventura, respondeu com infinita tristeza a bella phalena com emoções em vez de coração.

— Sou o que tens querido, respondeu Lisa. Podias ter feito de mim alguma coisa; porque não tentaste? Gerald ia responder mas o telephone soou: era Flora que indagava se Gerald ainda estava ali, e mostrava-se preoccupada com a demora; é que elle estava importunando Lisa que tinha de viajar no dia seguinte. Quando Lisa deixou o phone Gerald que já não podia dominar-se mais, tomou-a nos braços, murmurando-lhe cheio de ardor que ainda era tempo se ella o amava.

O telephone chamou de novo, e desta vez quem respondeu foi Gerald:

— Sim ainda estou aqui... Conversando com minha esposa. Que mal ha nisso?...

No dia immediato, uma hora depois da marcada para encontrar-se com Flora, Gerald almoçava tranquillamente e feliz com Lisa.

— Que dizes de assentares acampamento definitivamente nos Estados Unidos?

— Esplendido! Nada mais de Operas, crearmos gallinhas de hoje em deante, murmurou ella com doçura no olhar.

— Promettes que nunca mais me deixarás só?

— Prometto. E prometto não ter outro desejo, outra vontade que não seja a tua, affirmou Lisa, fallando a sua promessa com um beijo, demorado e longo bastante para que Flora Preston as viesse encontrar na doce communhão. Ante a scena, a mulher tremia de furor, e violenta, apostrophou o futuro marido, dirigindo-se insultuosa a Lisa. Lisa repelliu-a com energia, e Flora partiu ameaçadora:

— Eu me farei lembrar de vós, da villania de ambos!...

E não perdeu tempo, porque 10 minutos após, um grupo de reporters reclamava introducção no apartamento de Fitz Gerald.

— E agora, que vamos fazer, perguntou Gerald atrapalhado.

— Fugir meu caro. Um rapto amoroso. O navio parte em 15 minutos para a America do Sul.

E com a mesma precipitação como chegava alguns dias antes, Lisa partiu agora apenas alliviada do medico particular, do secretario, e de algumas dezenas de malas, que já agora lhe eram inuteis, porque levava tudo comsigo — o amor reconquistado.

(ENTER MADAME)

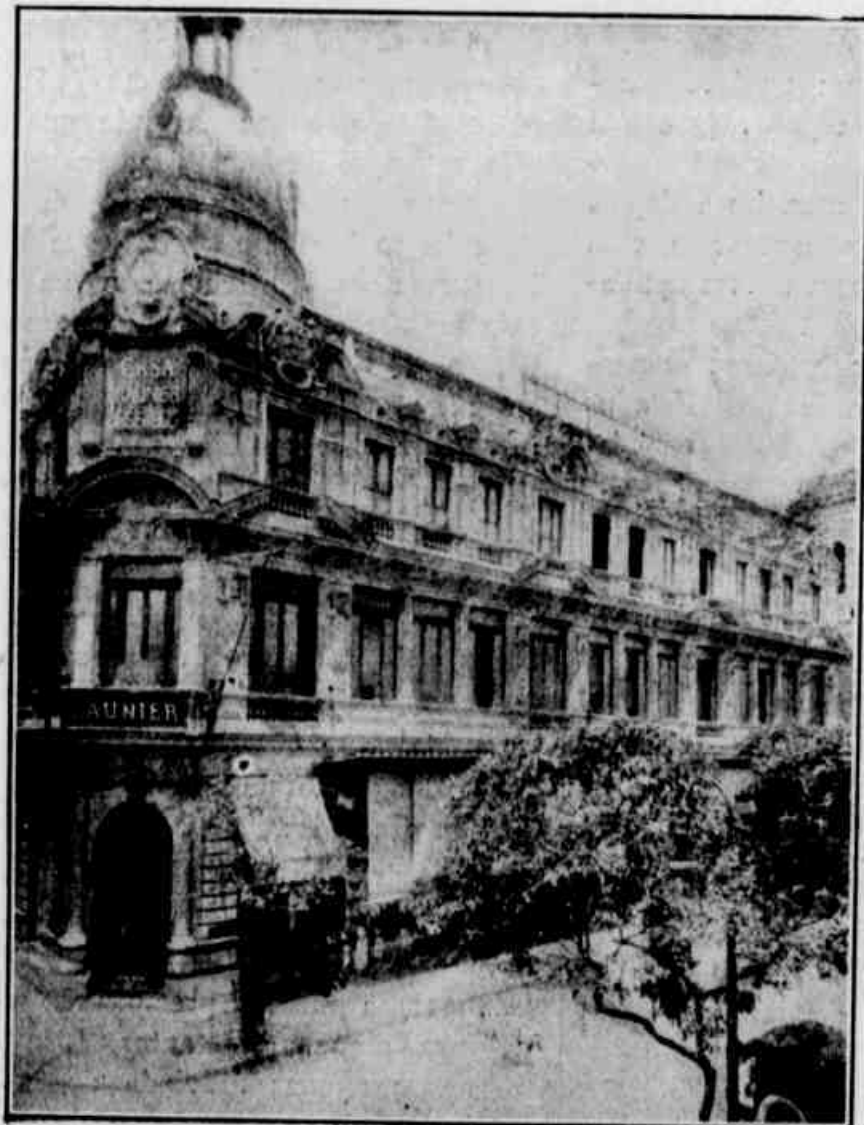
Film Garson-Metro — Producção 1922

DISTRIBUIÇÃO

Lisa Della Robbia	Clara K. Young
Gerald Fitzgerald	Elliott Dexter
Mrs. Flora Preston	Louise Dresser
Archimede	Lionel Belmore
Doutor	Wedgewood Nowell
Bice	Rosita Marstini
Miss Smith......	Orra Deveraux

Senhorinha Cecilia Oliveira

Qualquer coisa dita concisamente póde ser o fructo e o resultado de alguma coisa demoradamente meditada, mas o leitor, que n'este terreno é um noviço, e ainda não reflectiu sobre este assumpto, vê algo de embryonario em tudo o que é dito concisamente, censurando ainda o auctor que teve a ousadia de apresentar-lhe um prato que não estava bem cosido. — NIETZSCHE.

Sr. Plinio Cavalcanti, nosso presado collega de imprensa e escriptor bem admirado, que dirige a propaganda dos productos do Instituto Medicamenta, de S. Paulo, dos quaes é depositario n'esta capital. O Sr. Plinio Cavalcanti offereceu-nos em nome dos Srs. Fontoura, Serpe & C. quinhentos vidros do notavel reconstituinte *Biotonico Fontoura*, para serem distribuidos pelos nossos auxiliares. Gratissimos.

Scenas do film, vendo-se na primeira a protagonista, que é May Allison, e na segunda esta mesma artista querida com o seu galã, Darrel Foss.

CARTAS DA CALIFORNIA

A MADONA DO CINEMA

(HELEN JEROME EDDY)

Não ha meio tão discutido e tão calumniado como esse meio cinematographico, cujos fundamentos pecuniarios se estendem da Wall Street á Fifth Avenue, em New York, e se expandem gloriosamente ao ardente sol da California nos florescentes *studios* de Los Angeles, Santa Monica, Sacramento Hollywood e nesse suburbio citadino a que já se deu a denominação de Universal City.

A' gente extranha que chegando a este grande paiz busca metter o bedelho nesses assumptos de cinema, tão mal conhecidos, apesar de tão discutidos, cada dia se offerece materia nova para o seu espanto, a sua admiração e ás vezes, muitas mesmo, para o seu deslumbramento.

Esta terra é por muita gente con si de rada a terra do egoismo.

Que injustiça clamorosa, Santo Deus! De todas as terras conhecidas que tenho percorrido, jámais vi uma em que a philanthropia se exercesse com tanta generosidade, com tanta grandesa e com tamanha visão pratica! Milhões e milhões de dollars devidos á iniciativa particular partem dos bolsos dos ricos para melhorar as condições do pobre.

Ha grandes associações de caridade com formidaveis capitaes; ha as egrejas de varios credos; ha os institutos da Maçonaria; os da Ordem dos Templarios, da Legião... que sei eu!

E todos os membros dessas sociedades contribuem com o seu obulo para que o filho do pobre se instrua, o orphão não fique ao desamparo, o invalido não morra á mingoa.

E' a caridade exercida em larga escala, em escala formidavel consumindo annualmente capitaes cujo numero se annunciassemos assombraria a nossa gente, tão falho é infelizmente o nosso paiz de instituições semelhantes, cuja obra benemerita por si só bastaria para escurecer todos os defeitos da organisação social nos Estados Unidos.

Mesmo no meio cinematographico eu vim encontrar um instituto destes, e a idéa de sua creação só poderia brotar no coração de um typo feminino, aberto a todas as miserias, prompto a estender a mão dadivosa como a deixar cahir dos labios palavras de animação

1) *Helen Jerome Eddy n'um film de Hayakawa.* 2) *Ao natural.* 3) *N'um "luncheon" com sua irmã Cora.* 4) *Com Eileen Percy n'uma scena do "Flirt".*

e de consolo, mais uteis e preciosas ás vezes que o tilintar do dollar, a cuja caça se precipitam todos aqui.

E' justamente essa caça ao dinheiro e o que é mais, a illusão deslumbrante do cinema que occasiona na California uma porção de miserias; milhares de raparigas fascinadas pelas narrativas da vida das *estrellas*, dos seus lucros, da sua vida, do seu luxo, da sua popularidade, abandonam todos os annos os seus lares e correm a Los Angeles.

Chegam com o lume da esperança na alma, louras filhas dos estados do norte, morenas *girls* dos estados do sul, bellas na sua gracil juvenilidade, ardorosas no seu proposito de trabalho e enchem a ante-sala dos *studios* dias, semanas e mezes, á espera da opportunidade que é uma.

Mas ai ! cedo a desillusão faz rarear a fila das primeiro chegadas; o numero das que chegam, entretanto, não cessa.

E é sempre a lugubre resposta de um dos prepostos do director:

— Por emquanto não ha trabalho.

Volve a longa theoria das pretendentes e cada dia que se passa rouba-lhes uma illusão.

Os recursos começam a escassear. Os pequenos sacrificios obscuros, a alimentação parca, as lembranças da familia, humildes joias que representam cada qual uma recordação do lar, vão-se para as mãos dos prestamistas. Um dia faltam de todo. E' o desespero. Sem recursos, sem tecto sem pão, a desillusão a amargurar-lhes a alma, é esse o momento em que o grande cancro social começa a corvejar em torno d'essas lindas illudidas a apontar-lhes como unica salvação a porta dourada do vicio.

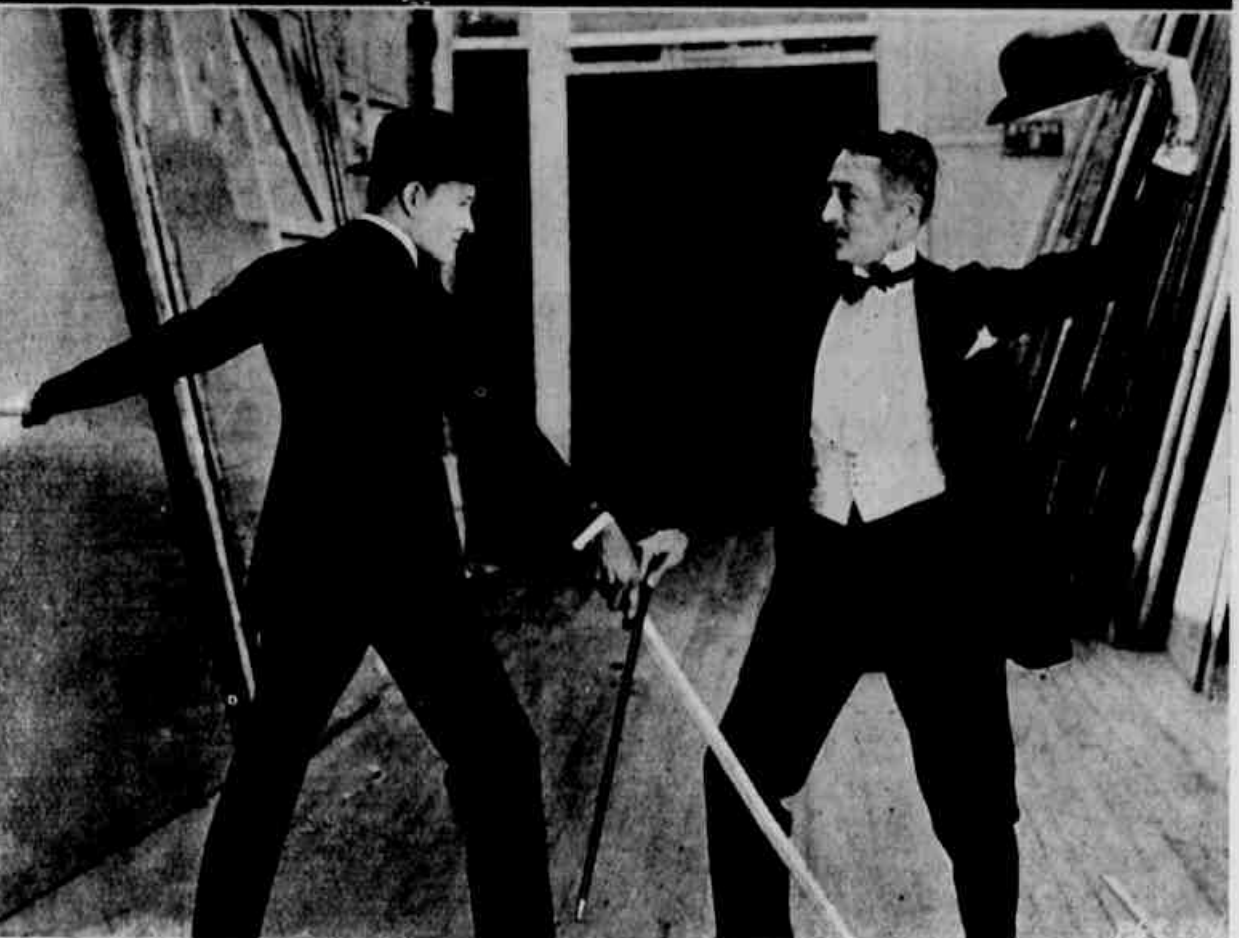
Quantos dramas obscuros não se têm desenrolado assim á porta dos grandes *studios* cinematographicos !

Houve um coração de mulher, cujas mais delicadas fibrilhas vibraram a esse espectaculo.

Artista de cinema, ella propria, não tem a celebridade das grandes *estrellas*. Tem, entretanto, hoje, a aureolal-a uma atmosphera de respeito, de ternura, de admiração que deve ser ao seu generoso coração mais grato do que as acclamações ruidosas ás suas qualidades plasticas ou artisticas.

E' a *Madona do Cinema* — Helen Jerome Eddy, guardem bem esse nome. Já a temos visto e creio não poucas vezes no Brasil. A meiguice de suas feições, a doçura incomparavel de seus olhos escuros, não os póde entretanto mostrar no seu impassivel registo mechanico a machina de tirar films, a lente poderosa da objectiva cinematographica nem na tela fixal-a a pellicula de celluloide.

Helen Jerome Eddy é filha de New York; foi creada em Los Angeles, porém e pode-se dizer até, nasceu com o cinema, pois n'elle trabalha desde os velhos dias da Lubin e Morosco.

Foi a companheira de Mary Pickford em uma das suas mais estupendas creações — *Pollyanna*. Bella? Bella, sim,

1) O director Fred Niblo entre sua esposa Enid Bennett e Barbara La Marr, admirem as expressões... 2) Larry Semon n'uma das suas comedias para a Vitagraph. 3) Conrad Nagel e Adolphe Menjou "bancando" os esgrimistas.

Elaine Hammerstein e Conway Tearle n'uma scena do film "One week of love", da Selznick.

pois que a bondade immensa de sua alma se reflecte nas suas feições purissimas, nos seus olhos onde a ternura mora. Foi essa gentil actriz, que vendo os perigos a que andavam expostas tantas raparigas inexperientes que vinham a Los Angeles a perseguir a miragem do cinema, teve a idéa de reunir recursos entre todos os que vivem da tela, desde as mais altas celebridades até os pequenos empregados subalternos dos *studios*, formando a Obra de Protecção ás Candidatas ao Cinema.

Hoje, toda aquella que vindo á California em busca de trabalho vê seus recursos exhaustos, sabe que recorrendo a esse Instituto tem o tecto e o pão garantidos por alguns dias e os recursos precisos para volver ao seu lar.

E' em uma grande casa que está installada essa instituição de philanthropia. As raparigas pobres, de poucos recursos, emquanto não obtêm trabalho, mediante modesta contribuição alli encontram o tecto, o leito e a refeição.

Tudo foi feito com os recursos fornecidos por gente de cinema; ninguem negou o seu concurso á obra sympathica dessa rapariga, que assim preenche a sua divina missão feminina na capital da Cinelandia. As grandes celebridades da tela têm sempre a bolsa aberta para essa obra de pura philanthropia. Os humildes trabalhadores do cinema vão levar-lhe os centimos economisados do seu rude labor.

Só mesmo em uma alma delicada de mulher, e mulher como Helen Jerome Eddy, poderia florir a idéa desse instituto, tal como elle existe.

E quantos sabem hoje da sua existencia e de como elle foi creado e de como vive, sentem germinar em seu coração a semente da respeitosa sympathia por essa mulher, cujas graças pessoaes póde-se dizer desapparecem só nella vendo os nossos olhos mortaes aquellas altas qualidades de coração que a divinisam.

E' a *Madona do Cinema*.

Seu perfil purissimo, seus cabellos em bandós dão-lhe a apparencia da morena virgem da Galliléa, tal como a pintou Murillo.

Foi assim que a vi, quasi immaterial aos meus olhos quando m'a apresentaram no Hotel dos Embaixadores. Meu companheiro disse-lhe:

— Miss Eddy, aqui tem este brasileiro que quer exprimir-lhe toda a sua admiração e sympathia pelo que soube da senhora.

Ella encarou-me. Um sorriso tão suave descerrava-lhe a bocca purpurina, boiava nos seus grandes olhos escuros uma chamma tão maternal, que emmudecido pela commoção, só pude tomar-lhe as mãos, beijando-as.

E é essa a gente de cinema que tanto se calumnia ás vezes.

Los Angeles, Junho, 1923.

CELSO ARPINO.

☆ ☆ ☆

Victor Shertzinger, Joseph Gasnier e Tom Forman são os tres directores que actualmente trabalham para a Preferred. Kenneth Harlan, Miriam Cooper, Walter Long, Gaston Glass, Ruth Clifford, Joseph Swickard, Florence Vidor, Russell Simpson, Pat O'Malley, Raymond Hatton, Colleen Moore, Ethel Shannon, são os artistas até agora contractados para figurar nos 15 films que essa empresa produzirá até Julho do anno proximo.

☆ ☆ ☆

Tony West, actor comico caracteristico que o Rio admirou nos films da L-Ko da Universal e da Sunshine da Fox, falleceu.

Uma publicação luxuosissima, com centenas de retratos a cores dos artistas mais notaveis da tela, será o Album Cinematographico do Para Todos... para 1924, já em organisação e que será posto á venda nas proximidades do Natal.

BIOTONICO FONTOURA

O REMEDIO DAS FAMILIAS

Desde a infancia até á velhice, em todas as edades, verifica-se a acção benefica do Biotonico.

O Biotonico é o remedio que tem alcançado os maiores triumphos, porque a sua efficacia é real e positiva em todos os casos em que o organismo se sinta abatido e enfraquecido, quer em consequencia de molestias debilitantes, quer seja devido a exgottamento nervoso.

A efficacia do Biotonico verifica-se em ambos os sexos e em todas as edades, sendo benefico aos homens, ás senhoras e ás creanças e por isso é chamado o remedio das familias, remedio querido e abençoado em todos os lares.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Bom Dia!

Podem assentar-lhe bem os seus alimentos? Pode V. S. comer sem receio de uma indigestão?

PASTILHAS do Dr. RICHARDS

têm tornado saudaveis os estomagos durante vinte e cinco annos. Se V. S. quer conhecer a alegria dum perfeito apparelho digestivo tome as Pastilhas do Dr. Richards.

A Senhora está doente?

USE A

"FLUXO-SEDATINA"

O REMEDIO DAS SENHORAS

EFFICAZ EM TODAS AS MOLESTIAS DO UTERO E SEUS ANNEXOS. REGULARISA AS MENSTRUAÇÕES, ACABA COM AS COLICAS, A NERVOSIA, O HYSTERISMO. ENGORDA E RESTITUE A ALEGRIA E A SAUDE ÁS MOÇAS PALLIDAS, ANEMICAS, QUE SOFFREM DE FLORES BRANCAS, CORRIMENTO, REGRAS DOLOROSAS E MAU ESTAR.

ADOPTADA NAS MATERNIDADES COM SUCCESSO, POIS FACILITA OS PARTOS, DIMINUINDO AS DORES E EVITANDO AS HEMORRHAGIAS.

A «FLUXO-SEDATINA» é a salvação da Mulher

ENCONTRA-SE EM QUALQUER PHARMACIA

LUIZA MILLERIN

(Fim)

sejando d'ella fazer a sua esposa. Emquanto este romance se desenrola cá fóra na modesta habitação de um simples artista, no paço, o Regente faz da ingleza que apparece a sua favorita.

Chega porém um dia em que as necessidades de Estado estabelecem que o Regente deve tomar uma esposa, devendo a mesma favorita, Lady Milford, tomar por sua vez um marido.

Noblesse oblige...

Von Walter, desconhecendo os amores de seu filho, propõe-n'o ao Regente para marido da favorita.

Quando, porém, o major Fernando vem a saber da decisão de seu pae, decisão tomada sem consulta prévia, vae a palacio, procura Lady Milford e conta-lhe o seu romance.

E todo o drama então começa a desenvolver-se entre a favorita que não abre mão do noivo, o major que não quer casar com ella e o pae do mesmo que usa de mil ardis para conseguir unil-os.

O Presidente do Conselho, Von Walter, chega a ir a casa de Miller afim de ver se consegue demover, pela violencia, Luisa de manter qualquer intenção amorosa para com seu filho. Tudo é debalde.

Aproveitando a ausencia de Fernando, que vae á Prussia em viagem especial como mensageiro de uma carta autographa dirigida ao Grande Frederico, arma-se a Luisa uma cilada, obrigando-a a escrever uma carta compromettedora para sua honra de rapariga.

Essa carta vae ás mãos de Fernando quando elle volta da honrosa missão.

Vencida pela intriga, vendo Fernando desvairado, Luisa, que se sente impotente para luctar contra o seu destino e as guerrilhas da côrte, acaba envenenando-se, julgando desta sorte salvar o futuro de seu amado que a sua affeição seriamente compromettia.

Mas Fernando comprehendendo, por sua vez, a intenção de toda intriga, na frente da qual estava seu proprio pae, resolve acompanhar a noiva no caminho da morte.

A CONQUISTA D'UMA MULHER

(Fim)

Company. Por este ou por aquelle motivo, Stanford não explicou a Mary os verdadeiros motivos de Rutherford n'aquella enscenação e partiu. Rutherford que entrava, viu o cunhado sahir e precipitou-se para os aposentos da rapariga furioso. Esta contou-lhe o que acontecera e o homem ficou furioso. O que ella tinha feito era despojal-o de uma fortuna, entregando-a a Gorgas para gastal-a na tal idiotice de instituição para tuberculosos, que elle e a irmã haviam inventado...

— Mas não me dissestes que o plano visava salvar os pequenos depositantes da companhia? retrucou Mary.

Rutherford reconheceu então que o desastre fôra obra da sua propria estupidez. Elle ficou de olho aberto, mas Mary conseguiu illudir-lhe a vigilancia e mandar um mensageiro marcando um encontro a Stanford n'um hotel das visinhanças.

Quando ella sahia para a entrevista, Rutherford notou a sua ausencia e lançou-se no seu encalço, tomando um *auto* e ordenando ao *chauffeur* que seguisse o *taxi*.

Conhecido do proprietario do hotel que Mary designara para o encontro, não foi difficil a Rutherford architectar uma historia da esposa atacada das faculdades mentaes e em fuga.

O resultado foi que Mary viu-se agarrada e conduzida ao carro que esperava na esquina. Comprehendeu a inutilidade de qualquer resistencia, mas estava na absoluta convicção de que Stanford faria tudo para libertal-a das garras de Rutherford. Conhecia-o apenas de um breve encontro, mas isso era bastante para ella saber que Stanford não acreditava na sua participação consciente nos planos do cunhado.

Por seu lado Rutherford tinha a certesa de haver perdido a partida e resolveu tirar todos os proveitos possiveis dos momentos que ainda lhe restavam. Um d'estes não era outro senão a propria pessoa de Mary, porque elle se inflamara de desejos concupiscentes.

— Tendes gosado da situação de minha esposa, fallou elle com os olhos febris, logo que a teve fechada no quarto, e supponha agora que eu reclame os desejos... E dizendo isso avançou para ella, agarrando-a, tentando beijal-a.

Mas no momento em que apertava os seus contra os labios da rapariga que se debatia, Rutherford viu que uma das cortinas do quarto se movia, e com a mão que lhe ficara livre, tirou um revólver, e detonou na direcção do reposteiro. O tiro foi seguido do baque de um corpo dentro do quarto e o homem estarreceu horrorisado: era seu socio e amigo Jasper Haig, que tinha livre accesso na casa, mas cuja presença alli n'aquelle momento Rutherford ignorava.

Rutherford tratou de safar-se pelo caminho mais seguro e saltou pela janella para o jardim.

Nesse momento a campainha da porta soava e Mary correu a abrir. Stanford entrou acompanhado de dois guar-

das. Ella nada soffrera? interrogou o rapaz com anciedade. Mary accenou com a cabeça sem dizer nada, e tomando-lhe a mão conduziu-o á sala de visitas, onde, nervosa, lhe contou toda a historia — historia que acabou nos braços de Stanford. O policial informou que o seu dever era conservar a senhora em custodia até que o caso se esclarecesse, mas Rutherford pouco depois era colhido.

Um anno depois Mary e Stanford, estavam de pé sobre um outeiro que dominava o sanatorio, e o marido dizia-lhe commovido:

— Vi afinal realisado o grande sonho da minha vida. Os sonhos descem ao plano da realidade mais frequentemente no que suppomos, não é, querida?

— E sem escolher caminhos... Quando penso na maneira por que te conheci, por que nos conhecemos, murmurou Mary, com os olhos embevecidos nos de Stanford.

PRINCESA DOS MENINOS

(*Fim*)

Os dias iam correndo e Huck mostrava-se excessivamente docil e obediente, para assim melhor occultar a sua idéa fixa de escapulir na primeira opportunidade. Esse momento chegou, afinal. Aproveitando-se do somno do pae, elle apanhou a sua querida arma que o juiz lhe havia obtido e que o pae carregou na noite do rapto, e correu a tomar uma canoa amarrada a pouca distancia, conforme observara na vespera.

Empurrado para a correntesa, o barquinho derivou rio abaixo, até que a vinte milhas longe da maldita cabana o seu tripulante foi soccorrido por uma embarcação, cujo patrão, depois de interrogal-o sobre o seu destino, deixou-o no primeiro ponto de escala. Perdido n'aquelle logar desconhecido, sem saber onde estava, Huck poz-se a caminhar a esmo. Uma hora depois encontrava um molequete a resonar tranquillamente no mattagal que ensombrava a margem do rio. O preto accordou sobresaltado com aquelle cano de arma apontado para elle, n'uma abundancia de exclamações. Huck, sempre cauteloso, perguntou quem era elle e o preto escancarou a bocca.

— Eh! então sinhô Huck não conhece mais Jim?!

Huck mostrou-se admirado: não reconhecera Jim que pertencera á senhora Douglas.

— Não te conheci, Jim, tu eras gordo, e agora estás tão magro!

— Ah! meu branco, lamentou Jim, isso aqui não é terra p'ra negro engordar. *Seu* Huck quer me levar quando fôr para casa?

Sim, o rapaz o levaria, mas não sabia quando, porque começava por ignorar quanto distava aquelle logar de sua casa.

Era longe, respondeu Jim, informando tambem que, segundo havia sabido, Huck era tido por morto, vivendo sua mãe adoptiva coberta de lucto. Essa noticia fez Huck pensar em chegar á casa o mais depressa possivel. Mas o espirito da aventura era poderoso n'elle, e, como Jim lhe declarasse o seu medo de voltar para a casa da Sra. Douglas, que se o apanhasse o mataria, em recompensa á sua fuga, Huck propoz dirigirem-se á villa mais proxima e procurar trabalho Alugariam uma cabana, Jim seria seu escravo e cosinharia para elle e Huck o protegeria, porque elle era seu fiel escravo. Tinham uma arma para se defenderem, contra quem quer que pretendesse molestar os seus direitos de cidadãos livres "d'aquelle glorioso paiz". Algum dia a sorte os favoreceria, proporcionando-lhes a defesa da vida e da honra de uma formosa dama e seu marido os recompensaria com varias bolsas de ouro e elles comprariam um navio e viajariam por terras extranhas... Jim ouvia a eloquencia de Huck, boquiaberto, pois nunca havia brincado de pirata, e ignorava aquellas phantasias.

Quando o menino terminou, Jim declarou que já era tempo de procurarem a villa, onde, de facto, depois de cinco milhas de marcha, chegaram fatigados, estropiados e famintos. Mas a sorte andava com elles. Estava alli uma *troupe* de actores ambulantes, cujos directores viram nos dois rapazes elementos de exito para as suas representações. Jim alegrou-se, vendo na proposta sobretudo a garantia da *boia*. Huck preferia ter entrado para um bando de piratas, em todo caso tinha as mesmas razões que Jim para estar contente em ser *actor*, como dizia Jim cheio de vaidade.

"De resto, não serei visto no palco por nenhum conhecido meu", pensava Jim, sabendo que tinha de affrontar a multidão no *match* de box com o seu companheiro preto. Mas na noite do espectaculo, mal haviaam os dois começado as suas negaças no *ring*, quando uma voz de creança berrou na platéa:

"Olha lá a alma de Huck Finn!", seguido de um grito nervoso de mulher, que poz o theatro em reboliço.

— Nossa Senhora! estamos descobertos! exclamou Jim para o seu companheiro. E agora, como ha de ser?! interroga elle, não cabendo em si de medo, de ver tia Polly — irmã da viuva Douglas, encaminhar-se para o palco, seguida de Tom Sawyer, o companheiro de Huck, que fôra quem gritara ao avistar o antigo camarada, dado como morto. Debaixo da grande algazarra da sala, que se divertia extraordinariamente com o imprevisto d'aquelle numero fóra do programma, tia Polly arrebatou os dois peraltas do tablado, intimando-os a acompanhal-a immediatamente para casa. Quando chegaram á rua, Jim declarou que estava disposto a ir para qualquer parte, comtanto que houvesse comida. Huck pensou tambem com saudade no antigo subterraneo da casa onde brincava de pirata com seus companheiros, e a tia Polly teve a sua tarefa facilitada.

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

Um anno (Serie de 52 ns.)	48$000
" semestre (26 ns.). . .	25$000
Estrangeiro (1 anno) . . .	75$000
Estrangeiro (semestre) . .	40$000

PREÇO DA VENDA AVULSA

No Rio............... (1$000
Nos Estados........

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que foram tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que pôde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado) deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247.

Succursal em S. Paulo. Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 5949. Caixa Postal Q.

MARY PICKFORD

Little Mary, como lhe chamam os americanos, é dentre todas as antigas artistas da tela a que ainda conserva o mesmo prestigio e a admiração das platéas.

Por que não foi esquecida como muitas outras que outr'ora foram tão famosas, e de quem agora não se ouve mais fallar?

Mas seria impossivel esquecer Mary, se é tão admiravel nos papeis que interpreta sejam estes os de creanças, que é talvez a sua especialidade, ou outros quaesquer!

Mas como esquecer uma artista que só triumphos conta em sua carreira, que só nos torna felizes com seus trabalhos e com sua personalidade encantadora?

Impossivel olvidar a sublime artista de *Polyanna*, de *M'liss*, de *Stella Maris*.

Quem representaria, melhor do que ella, esses papeis?

Ninguem, porque Mary não tem rival.

Mary continúa ainda a ser a doce Mary desses films deliciosos dos quaes nós todos, seus admiradores, nos lembramos com saudades.

Seu ultimo film aqui passado, *O pequeno Lord Fauntleroy*, prova que Mary ainda conserva aquella suavidade que a torna tão adoravel.

Nesse film Mary revela-se-nos artista perfeita, conhecedora da sua arte, em dois papeis oppostos o de *Dear* e o do pequeno *Cedric;* Mary faz com que a proclamemos a interprete ideal.

Ora fazendo-nos sorrir, ora trazendo-nos lagrimas aos olhos, "Mary, a Noiva do Mundo", faz com que olvidemos as tristesas d'esta vida.

Toda a sua carreira são triumphos sobre triumphos aos quaes muitos ainda se juntarão.

Mary não foi nem será esquecida, viverá sempre no coração dos que a adoram e que nella encontram arte, graça, e belleza.

Pena é que seus films aqui não passem mais; porém, para nós, seus amigos e admiradores, resta o consolo da lembrança duma *Stella Maris* e duma *Pollyanna*.

G. S.

☆ ☆ ☆

Sr. Operador

A Fox é talvez a unica das principaes marcas *yankees*, que continúa a dar-nos abundantemente os maçadores films do Oeste. N'uma semana offerece Tom Mix, na outra Charles Jones, na outra John Gilbert, e assim por deante.

A Fox em vez de melhorar as suas producções, continúa a caminhar para o descredito, com films mediocres.

De vez em quando, é verdade, nos dá um bom film; mas que effeito póde produzir uma duzia de films especiaes, numa centena de films mediocres? A fabrica de William Fox já teve a primazia no mercado brasileiro, porém, hoje, os seus films são rejeitados.

A Fox, por um triz, não lançou para o abysmo do esquecimento dois dos melhores "astros" americanos, que a estas horas, felizmente, estão em empresas onde suas capacidades artisticas vão ser melhor aproveitadas. São elles George Walsh e William Farnum.

Uma grande lucta vae ser travada no "campo da popularidade" entre a Paramount e a Goldwyn. A Paramount, como todos sabem, é a marca que domina nos mercados cinematographicos do mundo, graças ao valor de suas producções.

A Goldwyn, que está actualmente com uma producção assombrosa de 18 films proprios, 12 da Distinctive, e 20 da Cosmopolitan, parece estar disposta a desbancar a fabrica de Zukor.

E' o que se póde prever pelo esforço titanico feito recentemente pela Goldwyn, reunindo sob sua bandeira varios directores e artistas famosos, como Von Stroheim, Tod Browning, Charles Brabin, Frank Mayo, George Walsh, etc.

Recife, 27 de Maio de 1923.

CYCLONE SMITH

☆ ☆ ☆

Vi hoje no "Avenida" o film "Minha esposa modelo".

Film muito bem montado, bons artistas; mas cheio de disparates.

Os americanos tiveram a pretenção de, sem conhecimentos indispensaveis do modo de viver do Argentino, seu caracter, etc., fazer um film cuja acção passa-se em Buenos Ayres e seus arredores.

Logo no começo da fita, aquella festa em casa de Manoel, com aquellas exentricidades *puramente americanas*, como a entrada de um cavallo em um salão; é um disparate, a civilisação sul-americana ainda não chegou ao "refinamento" da do norte. Quando a heroina do film vae de automovel de Buenos Ayres para o grande "bosque" (?) vêem-se *montanhas* (!!). Montanhas perto de Buenos Aires! Quanto não dariam os Argentinos por uma só?! O governador de cidade apparece ao mesmo tempo como *deputado*.

Durante todo film notei uma completa abstenção de apertos de mão, uma simples reverencia entre os apresentados. Nós latinos primamos por esse mal. Notei que a censura foi muito rigorosa com a "Minha esposa modelo"; em 1º logar não permittiu que apparecesse o nome da cidade onde se passa o film (isto passa, pois ha coisas pouco abonadoras para os Argentinos, como o mandato de assassinio, pelo governador), em 2º logar a censura tenho certeza cortou muito, a ponto mesmo de modificar o seu enredo.

A descripção que o seu jornal trouxe a semana passada está em desaccordo com a fita vista aqui, e tambem os dizeres de 2 cartazes que estão nas portas do "Avenida" — "*He wanted a diplomatic career. Did he get it? He did — She loved him" A yankee girl wins out matching her wits against the diplomats of Europe"*. Onde está na fita por nós vista a carreira diplomatica conseguida por Manoel?

Onde está a victoria de Constança sobre os diplomatas da Europa? Ahi ficam, Sr. redactor, as minhas impressões sobre o film "Minha esposa modelo".

Que de outra vez os Americanos procurem, antes de fazer films passados cá por baixo, travarem conhecimento com os nossos habitos, a nossa mentalidade, tão differente!

A proposito, que noticias o Sr. póde dar da "Twin-Americas Company"; que annunciou a sua proxima partida para o Brasil?

Mais um bluff! Tentativa de levantamento de capital.

Saudações do leitor.

"Racuela".

Illmo. Sr. Operador.

Saudações affectuosas.

Sendo eu um grande admirador da scena muda e existindo no PARA TODOS... uma secção destinada a publicar idéas, cartas, opiniões, etc., dos seus leitores, resolvi mandar para a referida secção este meu parecer, o qual, por certo, o Sr. não se negará á publicar.

.. ..

O genero de films de que eu mais gosto é o dramatico, razão pela qual aprecio immensamente as producções em que tomam parte William Farnum ou Emil Jannings ou mesmo Sessue Hayakawa, Lon Chaney, Theodore Kosloff e outros do mesmo genero.

William Farnum, a meu ver, é o melhor artista dramatico do mundo, não havendo outro que ao menos possa ser comparado a elle.

Emil Jannings, Sessue Hayakawa, etc., aos pés de William Farnum, o Gigante da Tela, desapparecem.

Quem me poderá contestar?

Naturalmente quem viu *O Conquistador*, o *Vingador Peregrino*, *Perjurio*, *Um Romance de Theatro*, *Se eu fôra Rei* e outras tantas producções de William Farnum, não contestará absolutamente o meu parecer a respeito do grande William Farnum.

Othello e Danton, as tão falladas producções de Emil Jannings, que são, á vista das super-producções dramaticas de William Farnum?

Assistiram ha tempos atraz a *Templo do Crepusculo* por Sessue Hayakawa, o tragico japonez?

Gostaram, provavelmente, acharam optima no minimo; não?

Pois bem, que é o *Templo do Crepusculo* á vista de *Perjurio?*

.. ..

Do lado feminino eu aprecio toda a artista que tem um palminho de rosto bonito, sabe trajar bem e tem um pouco de talento para a arte do silencio, porém dou preferencia ás que fazem papel de mulher "vampiro" ou ás que fazem papel dramatico.

Das seductoras as minhas preferidas são: Bebe Daniels, Mae Murray e Louise Glaum; e quanto ás tragicas eu prefiro Pola Negri, Alla Nazimova e a grande interprete de "A Ré Mysteriosa", Pauline Frederick, bem entendido, não fallando em Mary Carr a qual tanto admirei em "Honrarás tua mãe").

.. ..

Bem, Sr. Operador estou abusando de sua paciencia, portanto fico hoje por aqui e se o Sr. me permitte continuarei mandando outras tantas asneiras como esta de hoje.

Do leitor agradecido,

Curityba, 17-5-1923.

Jack Schawmill Birck

ESTRELLAS..., ESTRELLAS E... ESTRELLAS

Por que despontam estrellas no firmamento cinematographico, emquanto ha tantas em eclypse?

Isto se dá, sómente devido á inconstancia e volubilidade do publico, que, se hoje applaude esta ou aquella estrella, amanhã terá suas attenções voltadas para outra, que será esquecida, ao apparecer outra nova, bella e precedida de *réclame*.

Assim é que cada actriz de cinema tem seus dias de triumpho contados; se o publico tem predilecção por ella, essa predilecção não será duradoura, mas ephemera...

Cada estrella terá a sua successora para o publico, dentro de dois ou tres annos no maximo.

Os leitores estão lembrados dos triumpho de Pearl White?

Pearl White foi a predilecta, o "chic", o bello, a arte... E Pearl White foi esquecida.

Dorothy Dalton, a fascinante Dorothy, dominou as nossas platéas por muito tempo; é hoje, póde-se dizer, uma estrella em eclypse.

Mary Pickford, a "Little Mary", a adoravel esposa de Douglas Fairbanks, esteve na moda; seguiu-se-lhe Norma Talmadge.

E Norma não perdeu a arte nem a belleza, é e será a divina interprete de *Passion Flower*, e uma serie de maravilhosos films. O publico, porém, parece agora interessar-se mediocremente, quasi, por suas producções.

Gloria Swanson é actualmente a artista em voga; original, attrahente, com um "charme" especial, fascina o publico com suas "toilettes" estonteantes e bisarras.

E Gloria Swanson terá successora, para não fugir á regra.

O mesmo acontece com os actores: George Walsh, musculoso e bello, heroe de *Brutalidade*, William Farnum o actor de mil e uma expressões, Thomas Meighan, Wallace Reid, todos se succederam até Rodolph Valentino, o italiano seductor e admiravel de *Sangue e Areia*.

A cada passo surgem estrellas jovens e bellas: Billie Dove, Barbara La Marr, Virginia Valli, Viora Daniels, Margaret Leahy, Beatrice Burnham, Pauline e Laurette Garon, Shannon Day, Mary Philbin, Mae Busch, Eleanor Boardman, Laurette Taylor e milhares de outras.

Tout passe...

F. B.

☆ ☆ ☆

Herbert Rawlinson em *Upside-Down*, argumento de H. H. Van Loan, tem duas lindas Claires como *leading-women*. São ellas Claire Adams e Claire Anderson.

ALMANACH
DO
O TICO-TICO
PARA 1924
J. C.

Graphologia

AVISO

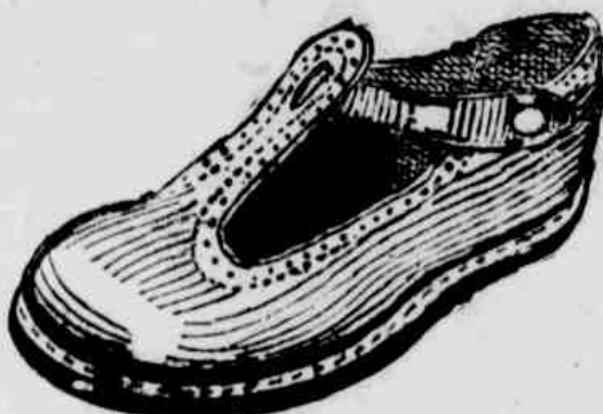
Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.

LILLY GREZ (Maceió) — Seu espirito, um pouco presumpçoso, tem, entretanto, bastante vibração, e é capaz de se manter em idealismos. Tem, porém, a face pratica, traduzida em methodo e amor ao trabalho, de sorte que nunca se entregará totalmente ao sonho. Falta na sua personalidade um pouco de energia d'alma, que se espelha num querer incerto e omisso. O coração não é máo. Apenas um tanto egoista em amor.

ZIZINHA FERNANDES (Rio) — Presumpção ingenua. Desejo de fazer figura a todo transe. Não é máo ser-se assim. Sempre se aproveita a metade util do esforço... Distincção de maneiras um tanto affectadas. Muito idealismo. Tendencias colericas, de mistura com alguma mordacidade. Irrita-se com gracejos, mas não duvida gracejar para irritar os outros. Coração mixto de altruismo e egoismo, conforme as pessoas e as occasiões.

BEIJO DE FRADE (Bahia) — Homem pratico, de fortes instinctos sensuaes, de vontade poderosa e espirito audacioso. Dentro desses traços principaes agita-se um temperamento amavel, expansivo e, ás vezes, brincalhão. Isso, porém, não basta para fazer desapparecer uma certa desconfiança que possue e que, aliás, não deixa de lhe ser proveitosa, mórmente em casos de amor. E' generoso, de coração, comquanto não goste de que se saiba d'isso.

REPETTO (Juiz de Fóra) — E' de facto muito nervosa. Mas é tambem muito intelligente, de espirito activo e vibrante. Tem vocação para a arte, provavelmente a musica. Falta-lhe, porém, a paciencia que faz os genios. Sua expansibilidade acarreta-lhe bastantes sympathias. Coração piedoso, cheio de ternuras, mas um tanto retrahido ao ter de traduzir essas qualidades em auxilios materiaes.

PINTINHA (Palmyra) — Tem alguma vaidade, mas é expansiva — o que attenua bastante a má impressão causada por aquelle traço. O seu espirito é frio e pratico, avesso a fantasias e muito sensivel aos instinctos da materia. Vontade ambiciosa, mas sem poder de iniciativas. Recta em seus julgamentos para com os outros, não admitte para si essa rectidão, exigindo especiaes deferencias. O coração é pouco bondoso e nada caritativo.

BRASILINA (Aquidauna) — Apparencia delicadissima, mal dissimulando um espirito muito agudo, mas predisposto á colera surda. E' que alimenta, provavelmente, algum ideal difficil de attingir no meio em que vive — o que lhe mantém essa atmosphera moral de hostilidade. Fundamentalmente, é boa de coração e sabe apparentar um desprendimento que, aliás, está longe de ter pelos bens materiaes.

CAPRICE (Norte) — Um tanto pretenciosa e tendente á futilidade. Vontade incerta: umas vezes forte e prolongada; outras, curta e fraca. A média é uma tolerancia apreciavel, e isso está de accordo com o indicio da perspicacia que lhe proporciona o viver bem com Deus e todo o mundo. Seu trato é um tanto frio, embora muito delicado e só apparentemente sincero. E' proverbial o seu amor ao confortavel. Ainda assim, porém, não póde ser taxada de preguiçosa. Tem pouca bondade cordial.

ZULEIKA (Rio) — O que logo se destaca é a decisão do espirito e a sua força de vibração, raiando, ás vezes, pelo arrebatamento. Não ha perigo, todavia, de algum desvario: sobra-lhe o senso do equilibrio. E' mesmo de muito juizo e grandeza d'alma. Suas expansões são sinceras, oriundas de um excellente coração. Além disso, o seu pouco idealismo concorre para ver claro as cousas do mundo, de modo que seus arrebatamentos correm por conta de um certo nervosismo que ás vezes se apodera de si e, certamente, é motivado por ligeira alteração da saude physica. Sua vontade é poderosa, porém nem sempre feliz.

ANIPIRGA (São Paulo) — Espirito frio e altaneiro, revelador de um grande orgulho. Todavia, muita delicadeza de trato e um coração bondoso. Vontade um tanto fragil, mas com alguma pertinacia e boa orientação. Pouco idealismo e um certo egosmo moral: quer para si todos os elogios e tem inveja daquelles que os merecem.

Off. graphica d'O MALHO